

UMA LIÇÃO

Houve por bem o município de Lisboa, reunido ontem em sessão ordinária, dar por findas as feiras livres que funcionavam em várias praças da cidade com missão expressa de contribuir para o abastecimento da pública alimentação.

Deu alento a esta decisão o facto, constatado por quem áqueles mercados tem recorrido, de não se ter verificado o menor benefício que essas feiras trouxessem aos preços dos géneros. A carestia era nos aludidos locais tão desenfreada e imoral como em outra qualquer parte, sendo inútil, portanto, procurar-se lá o que nos antigos mercados se encontrava por igual preço.

Notou a Câmara Municipal, nos seus considerandos e quatro conclusões da moção que consustanciou a resolução aludida, que a essas feiras acorriam, não os fornecedores directos, mas os vendedores doutros mercados, na mira de se apropriarem do benefício de vender ao público sem pagar postura surdo a bolsa aos municípios e satizando a sua habitual ganância.

Entretanto, nessas praças mencionadas, continuará o consumidor a encontrar os mesmos vendilhões e as mesmas feiras — que deixando de ser livres implicarão para o negociante o pagamento das posturas. Como dantes o povo pagará caro o que consumir. A sua situação se era má, ficará.

Do caso uma vantagem apenas se pode tirar — a vantagem duma lição. Confirma-se — quer com a instituição das feiras livres, quer com a sua supressão — que é bem certo o que temos apregoado: os poderes públicos são incapazes de resolver os problemas que interessam directamente ao povo; confiar na acção dos governos, dos parlamentos ou dos municípios a resolução dos problemas económicos é lida esperança que a muitos embala ainda e a todos traz custosas consequências. O povo só na sua acção, na sua força solidária e na sua inteligência deve confiar. Desenvolva essa acção, adquira essa força e pela inteligência e pela luta conquiste o predomínio económico e saberá então que a sociedade que mantém e sustenta lhe pertence completamente.

São sempre mais preduráveis os benefícios conquistados por nossas próprias mãos. Quando eles caem do céu governamental ou municipal — como o maná no deserto — são quasi sempre illusórios.

O caso das feiras livres é uma lição que a todos os trabalhadores deve aproveitar.

Da guerra e suas consequências

Uma das razões mais fortes que levou o governo ao tombo de anteontem foi a extinção que ele fez duma comissão parlamentar de inquérito ao ministério da Guerra, nomeada em tempos para saber porque motivo não se dera conta aos pais das formidáveis despesas da grande guerra para o lado do nosso protector sr. Afonso Costa nos arrastou.

Certo é que a comissão, a exemplo de quasi todas as comissões, não estava nem desalava, não menos certo é que o gesto do governo, acabando como uma comissão que devia investigar um escândalo tão grande, constituía uma imoralidade tremenda.

Funcione ou não funcione a comissão, o povo sabe muito bem que a guerra não foi prejudicial apenas pelas despesas indevidas e exageradas que implicou, mas sobretudo pelas consequências económicas desastrosas que trouxe e pela desmoralização de costumes que alentou.

Mulheres guiando automóveis

Que as senhoras não podem guiar automóveis grita a imprensa conservadora e reacção, com *As Novidades* à frente. Tudo porque houve dois desastres produzidos por carros guiados por mulheres. O facto de ter havido muito mais desastres provocados por autos guiados por homens bastaria para absolver essas duas senhoras. Mas os conservadores não se contentam com os factos, nem deles tiram lições desapaixonadas — razão porque caem a fundo sobre a lendária incompetência da mulher no exercício de misteres em regra desempenhados por homens.

O que essa imprensa não menciona é a parte mais grave da questão, contra a qual nos insurgimos. Para se guiar automóveis é submetido o «chauffeur» a um prévio exame. Se se trata duma pessoa que pretende exercer a profissão o exame é aturado e difícil, quando se trata dum amante ou amadora o exame é um pró-forma ligeiro. Daí a incompetência de muitos amadores que põem em risco a vida do transeunte.

O que é necessário é que os automóveis estejam apenas em mãos competentes — femininas ou masculinas pouco importa.

OH! A REPÚBLICA! "Liberdade, Igualdade e Fraternidade"

Os cárceres de França

André Berthoin fez outro dia na Câmara dos Deputados a francesa um brilhante discurso criticando as prisões.

Eis algumas passagens:

«Apesar de termos renunciado há mais de um século aos castigos corporais, a teoria actual das prisões continua a ser um vestígio do antigo regime. Não acham que é com efeito uma concepção singular enviarmos a escória da sociedade para as colónias que queremos civilizar?»

Por outro lado as condições de trabalho e de clima são tais que em pouco tempo metade dos condenados morrem; e o que nos devemos procurar não é a morte do culpado mas sim a sua regeneração. Espero que o governo vai enfim decidir-se a propor-nos a supressão de tais infâmias: não é possível deixar subsistir durante mais tempo tais horrores.

As minhas críticas serão ainda mais veementes no que diz respeito às casas de detenção. Tendes por exemplo uma em Paris que constitui um verdadeiro desafio à civilização: refiro-me a Saint-Lazare. Não sei se o senhor presidente, se já foi como advogado visitar aqueles velhos corredores que fazem lembrar Manon Lescaut. Tenha a curiosidade de ir ao locutório: todos os presos estão por detrás duma grade e do outro lado do corredor onde passeia um guarda, as famílias amontoam-se falando todos ao mesmo tempo fazendo um barulho infernal.

A prisão não tem electricidade e quando chega a noite, são as trevas completas; além disso a porcaria e a falta de higiene são incalculáveis numa prisão onde são numerosas as mulheres com crianças e mulheres em estado de gravidez.

É necessário acabar com esta situação que constitui um verdadeiro escândalo para a cidade e para o governo.

Pugnando pela liberdade provisória

Berthoin insiste em seguida para a liberdade provisória fosse usada mais frequentemente.

«Deve ser uma regra e acabar de ser uma excepção».

«É necessário que não se torne a dar a caso dum indivíduo condenado a 25 francos de multa e a dois ou três dias de prisão ser obrigado a cumprir dois ou três meses de prisão preventiva».

Há necessidade e urgência de votar o projecto de lei sobre a liberdade individual e no entanto, dirigir uma circular aos tribunais, a fim de que, numa época em que é preciso produzir tanto, não vejamos mais homens imobilizados inutilmente numa prisão».

Berthoin protesta em seguida contra a não aplicação do regime político às mulheres e que o benefício deste regime seja recusado muitas vezes aos grevistas.

Os cárceres das crianças

«Chamo principalmente a vossa atenção — continua Berthoin — para as colónias penitenciárias de menores. Neste caso deve-se olhar mais para a educação a ministrar de que para uma culpa a reprimir, pois a responsabilidade dos desmandos pesa sobretudo sobre a sociedade ou sobre a sua família. Na verdade, a legislação que diz respeito aos menores, melhorou de algum tempo para cá. Elevou-se a maioridade penal de 16 a 18 anos, criaram-se tribunais para crianças etc».

«Mas as colónias penitenciárias ainda dão ao as mais vivas críticas. Os guardas não devem ser guarda-feras, mas professores de moral».

«Duma maneira geral, não nos preocupamos bastante com a situação moral e física dos prisioneiros. Muitos condenados vítimas do seu activismo e das suas tarefas fisicas, são doentes irremediavelmente para os quais não se recebem cuidados apropriados ao seu estado. Influindo sobre a mentalidade de poder-se-lhes talvez transformá-los em seres normais».

«Certamente, o estado social actual, com a circulação desordenada das riquezas, leva os indivíduos a cometer cada vez mais crimes e delitos; mas ao lado da miséria, o alcoolismo, a sifilis, a má educação são causas irremediáveis do aumento de criminalidade».

«É pois conveniente, melhorar a vida das crianças, socorrer as mães solteiras, tomar seriamente a peito a luta contra os flagelos sociais: pauperismo, *chamage*, alcoolismo, etc; e empregar nesse fim alguns dos milhões que são votados actualmente para a guerra, para a marinha e para as expedições longínquas».

Ah! Se André Berthoin conhecesse os cárceres desta nossa república...

Será verdade?

Escreve-nos um anónimo — «um assíduo leitor» — pedindo-nos que relatemos várias proezas do exército — dos grandes do exército, bem entendido — praticadas na cidade do Porto, durante a comemoração do armistício.

Numa noite, depois dum banquete realizado num luxuoso «Restaurant» de má fama os convivas, animados pelas bebidas e entusiasmados pelos brindes, ballaram fogueiramente com umas meninas divindades, freguentadoras daquela casa onde os papás sizados não levam as suas filhas.

Diz ainda o nosso anónimo informador que, no final, se realizou uma dança macabra, durante a qual as ingénuas e virgins meninas ostentavam no seio as comendas dos oficiais!

É claro que o presidente da república só assistiu ao banquete, a que presidiu — à hora do baile retirou-se porque o protocolo não lhe permite meter-se em danças...

Tudo isto e muito mais relatou o «assíduo leitor», a quem não sabemos se devemos dar crédito, porquanto nos desagrada fazer alusões a factos contados por pessoas que não conhecemos

"O SECULO" sem máscara

Entrou numa nova fase este velho órgão de publicidade. A maneira de programa o negociante sr. Alves Diniz, antes do director do jornal se pronunciou, publicou um longo artigo em nome da União dos Interesses Económicos, ou seja das «forças vivas organizadas». Nesse artigo faz-se a afirmação de que a União dos Interesses Económicos pretende fazer uma «obra patriótica, despertando energias e elevando o mais possível o nível da nação».

No entanto o sr. Alves Diniz dá como exemplo desta acção patriótica o movimento há pouco levado a cabo a que chama movimento nacional e que se caracteriza por um protesto contra o Estado republicano e a incompetência dos políticos republicanos. Como no artigo do sr. Alves Diniz, não há nenhuma referência a que o *Seculo* iria fazer um pouco de política monárquica.

O aparecimento do nome do sr. Trindade Coelho na cabeça do jornal desfaz essa impressão. Trindade Coelho é um conservador, mas afirma-se republicano. Uma espécie de republicano integralista, com muitos pontos de contacto com os monárquicos que defendem a intervenção das classes electorais e uma modificação da estrutura do Estado.

Portanto, ligando estes dois factos, as afirmações do sr. Alves Diniz, pelas forças económicas e a circunstância do conservatismo do novo director do *Seculo*, cujas opiniões literárias e até sinceridade de convicções de forma nenhuma pomos em dúvida, temos de concluir que o velho jornal republicano que por tantas alterações tem passado, se tornou definitivamente um jornal conservador.

Preferimo-lo assim. Mais vale que o público saiba duma maneira clara e sem subterfúgios que interesses e que doutrina o *Seculo* defende, em vez de se deixar iludir pela linguagem dúbida de que esse jornal se tem servido, dizendo-se um amigo do povo e fazendo afinal a defesa das classes dominantes. O *Seculo* aparece agora sem máscara.

É um jornal conservador — garante o nome do seu director — e defenderá os interesses da União dos Interesses Económicos ou seja da organização política das «forças vivas» — diz o negociante sr. Alves Diniz, um dos proprietários do *Seculo*.

Preferimo-lo assim, a apresentar-se-nos jornal independente e do povo sendo o monopólio moageiro e tendo como editor responsável o nome dum republicano jacobino que se presta a ser moço de recados do sr. António Maria da Silva e defensor dos interesses desse mesmo monopólio moageiro.

Preferimos os adversários leais aos amigos encapitados.

"O Amor e a Vida"

Com este sugestivo titulo acaba

Campos Lima de publicar uma interessante obra literária

Aparece hoje à venda nas livrarias um valioso e interessante trabalho literário — *O Amor e a Vida* — do nosso presado camarada Campos Lima.

O Amor e a Vida pertence à «edição *Spartacus*» que em breve dará a luz da publicação obras de vários literatos de feição moderna e de tendências sociais avançadas.

Cabe ao nosso critico literário apreciar detalhadamente o novo livro de Campos Lima.

Entretanto, as esplêndidas qualidades literárias deste nosso camarada, a sua cultura superior e a sua inspiração artística nunca desmentida, levam-nos a augurar para esse livro um êxito completo.

Consta duma série de emocionantes contos *O Amor e a Vida*. A quem já conhece Campos Lima pela sua competência jurídica e pela sua veia poética, não deve deixar de interessar esta obra que apresenta a sua faceta mais brilhante — a literária.

CONTRA A ESPANHA MILITARISTA

Em França trabalha-se pela república

PARIS, 19. — Em consequência dos reus do tribunal militar espanhol de Pamplona terem declarado que a revolução contra o Directório era chefiada por Blasco Ibañez, Unamuno e outros intelectuais espanhóis exilados em França, os jornalistas parisienses não tem cessado de interrogar os homens públicos do vizinho reino que em França procuraram asilo.

Blasco Ibañez tem dado a sua palavra de honra de que nada tem com o movimento revolucionário que falhou, garantindo igualmente que Miguel de Unamuno e Ortega a ele se não acham ligados. O célebre escritor atribui o movimento aos anarquistas e sindicalistas da Catalunha, ferozmente perseguidos pelas autoridades militares.

Não nega, contudo, estar preparando com todas as suas forças uma revolução em Espanha. Dentro de poucos dias sairá uma brochura denunciando o perigo militarista em Espanha, e no dia em que passarmos à acção — declarou Blasco Ibañez — ver-mos-hão nas primeiras filas de combatentes.

Rodrigo Soriano nega também a sua participação no recente movimento, que considera uma conspiração policial, fomentada pelo partido militar.

Como Blasco Ibañez não esconde que apoiará, com risco da própria vida, um movimento revolucionário republicano em Espanha, afirmando que não entraria numa revolução para abandonar seguidamente os seus infelizes partidários. — (L.)

Revoltas contra a sanha guerreira

MADRID, 19. — Corre nesta cidade o boato de que em diversos pontos de Espanha se têm dado revoltas militares, por a classe de 1921 que devia ser agora licenciada, continuar nas feiras, por disposição do Directório, a fim de poderem ser enviados os necessários reforços para Marrocos. — (L.)

A Escola Primária Universal

A esquerda da câmara dos deputados francesa defende a Escola Unica

O proletariado português deve também pugnar por ela

Na Câmara dos Deputados francesa, as esquerdas ao ser discutido o orçamento da Instrução, preconizaram uma reforma do ensino sobre a base da escola primária única.

Eis um gesto que devia ter eco em Portugal.

A escola pela sua má orientação, pelo seu obstinado silêncio acerca da vida, é uma das instituições mais culpadas da propagação de eterna guerra travada entre os seres humanos.

É necessário modificar a Escola no sentido em que a ciência social indica. A instrução primária deve ser igual para todas as crianças do mundo.

E para que isso se dê é necessário criar a Escola Unica ou a Escola Primária Universal.

A Escola Unica visa prolongar e continuar a escola até ao nível mínimo do saber e educação que todos os seres humanos normais devem possuir conforme as qualidades comuns e gerais da sua natureza.

O seu internacionalismo ensinará a infância a reconhecer os benefícios da paz. É este o único meio de conseguir esse ideal tam elevado a fraternidade humana.

A Escola Unica, correspondendo às exigências e tendências sociais contemporâneas, à sociabilização dos povos, tem o fim de elevar progressivamente a intelectualidade humana desfazendo os insuficientísimos meios de cultura, abolindo a instrução fragmentada e a finalizar a educação superficial.

A igualdade da instrução primária em todos os países será o melhor traço de união entre eles.

Que é a Escola Unica? — Os seus fins e as suas bases

Eis os seus planos:

1.º A instrução será obrigatória para todas as crianças sem distinção de classe social ou de sexo.

2.º Compor-se-á de 4 classes e a idade para o ingresso, variará, conforme os países, de 6 a 8 anos.

3.º O «certificado de promoção» de cada classe, permitirá continuar na classe imediatamente superior em qualquer outro país que tenha adoptado o sistema da Escola Primária Universal.

Vários países se têm ocupado já deste magno assunto.

Pierre Dufrene publicou na *La Reforme de l'Ecole Primaire*, um estudo circunstanciado sobre a necessidade da Escola Unica.

A Alemanha na sua constituição federal de 11 de Agosto de 1919 estabeleceu esta Escola.

Na Austria sucede o mesmo e só em Viena encontram-se já oito a funcionar.

A Escola Universal tem um fim elevadíssimo. O seu programa encerra sobretudo uma doutrina de Paz, a necessidade de mantê-la e de trabalhar por ela. Ela ensina que se deve renunciar aos meios violentos e ajudarmo-nos fraternalmente sem esquecer que todos os sofrimentos humanos podem ser curados por um espírito de humanidade.

O seu fim é belo. O proletariado português deve trabalhar e pugnar por ela.

As mulheres casadas e o magistério

Na Holanda, o governo para atenuar a crise de trabalho proibiu as mulheres casadas de exercerem o magistério, partindo do princípio de que estas, sustentadas por seus maridos, estão tomando o lugar às raparigas solteiras que precisam ganhar a sua vida. Não contou o governo, porém, com uma resolução das professoras casadas que se divorciaram, continuando a viver com os seus maridos, e exercendo assim, a cobertura da lei, a sua profissão. Esta atitude além de provar a inutilidade do casamento oficial — pois aquelas professoras não se importaram de ficar na situação... de amantes dos maridos — está servindo de tema às *Novidades* para defender a teoria racional e estúpida de que as professoras casadas não são tão carinhosas para as crianças como as solteiras.

A experiência tem demonstrado precisamente o contrário, mas mesmo que a experiência ainda o não tivesse dito, diz a lógica que uma mulher casada, pelo treino que tem de lidar com os filhos e pelo apuramento do sentimento de ternura que se verifica na mulher, depois de ser mãe, que melhor vantagem encontram as crianças nas mãos experientes das mães de família do que nos braços menos cuidadosos das solteiras.

CONFERÊNCIAS

Milagres

Sob este tema realiza hoje no Grémio Civil do Monte uma conferência o sr. Armando Porfírio Rodrigues.

No Sindicato Metalúrgico do Porto

Realiza-se no próximo sábado, na sede do S. Metalúrgico, à rua de Camões, 364, uma conferência sob o tema «Origem do homem», pelo professor sr. Barbosa de Araújo.

RELEMBRANDO FACTOS PASSADOS

COMO FORAM PRESOS SACCO E VANZETTI

Em 24 de Dezembro de 1919 em Bridgewater, no condado de Plymouth, estado de Massachusetts, o cobrador da firma L. Q. White & C.º foi atacado quando se dirigia para o seu escritório com uma soma importante. Um desconhecido atirou contra ele, mas não o tendo atingido, e sendo o lugar muito frequentado, renunciou a nova tentativa, escapando-se num automóvel, parado a uma certa distância, o qual desapareceu, sem deixar qualquer rasto.

A 15 de Abril de 1920 alguma coisa de mais grave sucedeu em South Braintree, condado de Norfolk, Massachusetts.

O caixa da firma Slater, Morrill & C.º, Parmentier, e o guarda que o acompanhava, Berardelly, foram atacados por um número indeterminado de pessoas saídas dum automóvel, derrubados a tiro e despojados duma mala contendo 15.000 dólares, que os agressores levaram consigo no automóvel, onde se escaparam, abrindo caminho a tiro.

O automóvel foi encontrado alguns dias depois num bosque; mas não se conseguiu obter qualquer pista dos misteriosos autores do atentado.

A imprensa, narrando o facto com descrições apaixonadas, porque Parmentier morreu, em consequência dos ferimentos, começou uma campanha violenta contra a polícia, que não garantia a segurança dos cidadãos, nem perseguia os culpados de tão graves delitos.

Chegou até a acusar a polícia de cumplices dos malfetores. E a polícia, incapaz de satisfazer as exigências da opinião pública, aterrada, pensou que era preciso tirar-se de apuros, agindo de qualquer forma.

Isto passava-se nos dias funestos do «delírio da deportação»; cada estrangeiro era considerado então como um malfetor, e cada vermelho como um malfetor, condenado à deportação ou ao exílio.

André Salsedo, um tipógrafo anarquista de Nova York, preso dois meses antes e conservado no segredo ilegalmente e arbitrariamente nos escritórios da polícia política no 14.º andar dum edifício de Park St., tinha sido encontrado morto, na manhã de 2 de maio, com os ossos num feixe, nos degraus junto ao edifício.

Viu-se imediatamente, que se tratava dum assassinato perpetrado pela polícia secreta. O público ficou aterrorizado; manifestou-se uma indignação unânime contra tais processos criminosos.

Em 5 de maio de 1920, quando se dirigiam a Brockton, Mass., para organizar um *meeting* de protesto contra o assassinato de André Salsedo, Sacco e Vanzetti foram, acidentalmente presos por uma polícia que procurava outras pessoas.

Encontrados com um revólver, foram conduzidos ao posto de polícia, e aí ficaram.

Só no fim da segunda semana de detenção é que souberam, com grande surpresa sua, que os queriam implicar nas agressões de Bridgewater e South Braintree.

Acusaram Vanzetti de ter consumado o crime de Bridgewater e de ter participado no de South Braintree. Sacco foi só acusado de ter tomado parte no segundo atentado, mas de ter sido o assassino de Parmentier.

Todavia, Vanzetti, nos dias desse atentado, encontrava-se em Plymouth, localidade onde residia, a duas horas de Boston, e Sacco, no dia 15, tinha estado em Boston, onde tinha ido ao consulado italiano, a fim de obter os passaportes para voltar à Itália.

Contudo, embora não existissem razões e provas contra eles, havia o facto de serem anarquistas e o desejo da polícia de apagar a opinião pública, e por isso, a justiça americana, julgando-os, não teve dúvida alguma em condená-los à morte, como autores de atentados que eles não podiam ter praticado de forma alguma.

A revolta do Brasil

Ainda se não renderam os rebeldes

RIO DE JANEIRO, 19. — A campanha contra os revolucionários de São Paulo, que se acham dispersos pelo Estado do Rio Grande do Sul, tem continuado activamente sendo necessário empregar grandes efectivos em virtude do seu caracter de guerra de guerrilhas.

Os revolucionários estão senhores do Paraná, a região mais produtora de cereais do Brasil, e cortada por várias cordilheiras que muito prejudicam o avanço das tropas.

No Rio Grande do Sul as tropas federais infringiram, porém, recentemente uma séria derrota a um nucleo de rebeldes, que teve de retirar em desordem.

Por ocasião do aniversário da proclamação da república, os rebeldes lançaram uma proclamação convidando o povo brasileiro a auxiliar a revolução. — (L.)

Onde pára o dinheiro?

Há tempos, houve em Chelas um formidável incêndio que colocou em precárias circunstâncias várias famílias pobres de oficiais de exército já falecidos.

Lembra-nos que esse trágico acontecimento emocionou profundamente o público, porquanto dezenas de pessoas que habitavam o casarão de Chelas, ficaram sem abrigo.

Houve um oficial do exército — alma sensível e caridosa — que teve o belo gesto de iniciar, e provavelmente concluir, uma subscrição por todo o país, entre o elemento militar, a favor das vítimas.

Pois queixa-se um sr. Mourão, no *Correio da Manhã*, de não se saber onde pára o produto da subscrição que tanta falta está fazendo às vítimas.

Factos diversos

O pessoal do Commissariado das Abastecimentos enviou aos presidentes das duas casas do parlamento e à Associação dos Comerciantes de Cereais do Norte, telegramas pedindo que seja feita a prova de irregularidades atribuídas ao pessoal por aquela associação

Sacadura Cabral desappareceu do número dos vivos?

As sul de Dungenesse foram encontrados os destroços dum avião que se presume ser o que pilotava o glorioso compa-nheiro de Gago Coutinho

O aviador Sacadura Cabral, que no sábado do transacto levantou voo de Amsterdam para Brest, não mais voltou a ser visto. Com ele, com pequena diferença de tempo, partiram os aviadores Mota e Rosado. Ambos chegaram à costa francesa, o primeiro chegou a Brest, o segundo arribou a Cherbourg. E Sacadura Cabral? Do aviador que a viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro, feita com Gago Coutinho, cobriu de glória, não voltou a haver notícias.

O seu desaparecimento, que, a princípio, deu lugar a grandes apreensões, provocou ontem um triste presentimento: Sacadura Cabral morreu. E tudo parece confirmar que assim foi, e só um último escrúpulo, uma derradeira esperança, impedem de afirmar que o aviador glorioso desapareceu do número dos vivos.

O mar que o seu avião devia percorrer em três ou quatro horas, é sulcado por muitos navios. Na costa francesa, belga e holandesa, multiplicam-se os portos e os postos de telegrafia sem fios, e esta existe também em todos os barcos, excepção feita aos barcos de pesca. No dia em que ele partiu de Amsterdam, o tempo estava muito claro e a costa muito frequentada. A pesar-disso ninguém o viu cair.

Fizeram-se minuciosas buscas. Aviões holandeses percorreram em todos os sentidos a costa belga sem encontrar o mais pequeno indício.

De Cherbourg saíram quatro navios e aviões a percorrer a costa em pesquisas.

Parece que a queda do aparelho foi determinada por uma explosão do motor

No ministério da marinha recebeu-se um telegrama quasi conclusivo:

«Flutuação e flutuação quebrado foi encontrado, flutuando sobre o mar, ao sul de Dungenesse. Estes destroços foram levados num barco para Ostende».

«Vamos enviar um engenheiro a Ostende para identificar os destroços do avião para se saber se pertencem ao aparelho que era tripulado pelo comandante Sacadura Cabral. Ao aviador Rosado, que se encontra em Cherbourg, serão enviados todos os informes» — (a) *Foxeport*.

Este telegrama da casa construtora vale por uma confirmação. Há um único aviador desaparecido, de quem se não sabe, devem ser os destroços de avião descobertos ao sul de Dungenesse?

As autoridades holandesas admitem a hipótese duma explosão do motor determinando a queda rápida do aparelho.

A esperança, a derradeira esperança está posta num barco de pesca, num hipotético barco de pesca que por falta de telegrafia sem fios não comunicou a nova de que a seu bordo recolhera Sacadura Cabral e o mecânico que o acompanhava, 1.º cabo artilheiro José Pinto Correia.

A vida nivela todos os destinos: os dos grandes homens e os dos homens vulgares. Disse-o Zola «um génio acaba tão tolaemente como um imbecil».

E o caso de Sacadura Cabral. Realiza um cometimento em que o perigo a todo o momento o envolveu, a morte a todo o momento o espreitou. E vence o perigo, vence a morte. Parte de Amsterdam, para Brest, num vôo banal, vulgaríssimo, quatro horas de viagem. O perigo vem de súbito e a morte fulmina-o.

Então a esperança, o barco de pesca? ... Se assim for Sacadura Cabral e o mecânico José Pinto Correia ainda pertencem ao número dos vivos...

Um atentado contra o governador do Sudão

LONDRES, 19. — Deu-se no Cairo um atentado contra a vida do general Sir Lee Sack, governador do Sudão e comandante em chefe das tropas britânicas do Egipto.

O comunicado oficial descreve assim o crime que é atribuído a um *complot* de nacionalistas.

Sir Sack, terminada no Quartel-general uma conferência com oficiais da guarnição inglesa, tomou com o seu ajudante d'ordens, capitão Capwell, o automóvel que devia conduzi-lo a casa.

A pouca distância ainda do Quartel-general foi arremessada uma bomba para o auto e como ela não explodisse, dois outros automóveis que se encontravam parados no local em que o petulo do governador do Sudão, desfechando os seus passageiros tiros de revólver, alguns dos quais foram alvejados Sir Sack, o ajudante e o chauffeur.

O general ficou ferido no abdome, no braço e no pé direito, sendo o primeiro ferimento de bastante gravidade. Sir Sack, foi conduzido primeiramente a sua casa e, constatada a suma gravidade dos ferimentos, recolheu ao hospital, inspirando sérios receios a sua vida.

O ajudante d'ordens do governador e o chauffeur não apresentam ferimentos de importância.

PÁGINAS ALHEIAS

A filosofia do ateísmo

por Ema Goldman

Para se fazer uma exposição adequada da filosofia do ateísmo, seria necessário estudar, desde os seus mais remotos inícios até aos nossos dias, as modalidades históricas da crença numa deidade, o que é impossível dentro dos limites exigidos dum artigo. Contudo, não será inútil recordar que as concepções de Deus, Poder Supremo, Espírito, Deidade, assim como todas as formas e termos que no teísmo encontraram expressão, se vão tornando cada vez mais indefinidos no decurso do tempo e do progresso.

Por outras palavras: a ideia de Deus vai tornando-se mais impessoal e nebulosa, à medida que a mentalidade humana vai aprendendo a interpretar os fenómenos da natureza e a ciência estabelece a devida correlação entre os factos humanos e sociais.

Em nossos dias já não representa Deus as mesmas forças que representou no princípio da sua existência; já não dirige os destinos humanos, com a mesma mão de ferro, com que noutro tempo o fazia; hoje, a ideia de Deus exprime um estímulo espiritualista, necessário a satisfazer os fanatismos e as debilidades humanas.

A concepção de Deus nasceu do medo e da curiosidade: o homem primitivo, não podendo compreender os fenómenos da natureza que o atormentavam, viu em toda a manifestação terrível, alguma sinistra força dirigida directamente contra ele e, como ignorância e medo são parentes próximos da superstição, surgiu a crença em Deus.

Duma maneira eloquente o ateu e anarquista Miguel Bakounine, afirmou na sua grande obra «Deus e o Estado»:

«Toda a religião, com os seus deuses, semi-deuses, protectas e santos, foram criadas pela fé dos homens que não tinham alcançado o completo desenvolvimento das suas faculdades. Assim o seu religioso não passa duma miragem, na qual os homens exaltados pela ignorância e pela fé descobrem a sua própria imagem: mas engrandecida e deformada, isto é, divinizada.

«A história das religiões: o seu nascimento, o seu desenvolvimento e a sua decadência, não são mais do que o desenvolvimento da inteligência e da consciência colectiva dos homens.

«Também depressa eles descobriram no curso do avanço progressivo e histórico, nêles mesmo ou na natureza eterna, uma qualidade ou um defeito qualquer, atribuíam-no ao Deus depois de o exagerarem (como fazem as crianças) por um acto da sua fantasia religiosa. Com todo o respeito devido aos metafísicos, aos idealistas religiosos, filósofos, políticos e poetas, afirmo que a ideia de Deus implica a abdicação da razão e da justiça humanas; é a mais excessiva negação da liberdade humana e, necessariamente, conduz à escravidão teórica e prática do homem.

Assim a ideia de Deus, tem dominado a história e continuará dominando-a até que o homem erga a sua fronte à luz do sol, sem nenhuma espécie de receio e com uma completa segurança em si mesmo.

A medida que o homem aprende a conhecer-se e a modificar o seu destino, o teísmo torna-se superfluo. Tudo indica que o teísmo que é a teoria da especulação está sendo substituído pelo ateísmo que é a ciência da demonstração. Enquanto que um vive nas nuvens metafísicas do «mais além» o outro, tem no solo, firmemente as suas raízes. É a Terra e não o Céu que o homem deve resgatar: se verdadeiramente tem de se salvar.

O declínio do deísmo é um espectáculo interessante, especialmente quando se manifesta na ansiedade dos teólogos, qualquer que seja a sua classe. Eles compreendem que as massas se vão tornando cada dia mais ateístas, mais anti-religiosas; que já estão dispostas a deixar o «alem dos domínios celestiais», pois que os problemas da sua imediata existência cada vez se interessam mais.

A pesar destas questões parecerem metafísicas, tem, no entanto, um fundo físico, material, bem determinado. É por isso que os extrínsecos que religião, verdade divina, recompensas e castigos, sejam as marcas fabricadas da maior, mais corruptora, perniciosa, lucrativa e poderosa indústria do mundo, sem excepção a da fabricação dos canhões, destinada a entorpecer o cérebro e a endurecer o coração do homem.

Como a necessidade não conhece leis, e os teólogos compreendem que a humanidade se começa a libertar dos tentáculos de Deus, lançam mãos de todos os temas, ainda que eles não tenham nenhuma relação com o deísmo.

A tolerância do teísta não vem da sua consciência mas da sua fraqueza. Isto explica os esforços de todas as publicações religiosas para combater as mais variadas filosofias de religião e as mais contraditórias teorias teístas num único truste denominativo.

Com grande empenho, todos os dias, os conceitos de «Deus» o único espírito puro «a única religião da verdade», são gloriados tolerantemente num fanático esforço para resgatar as massas da perniciosa influência do ateísmo.

A característica da tolerância deísta está no facto de que nenhum dos seus partidários se preocupa verdadeiramente acerca daquilo em que o povo possa crer; contentam-se em que ele creia ou aparente crer. Para cumprir este objectivo estão-se usando os métodos mais vulgares, os religiosos preparam meetings e ressurreições com Bill Sneyday como campeão. Estes métodos que repugnam a todas as pessoas de elevado sentimento tem por fim criar entre outros curiosos e ignorantes, um estado de tranqüila insanidade que muitas vezes é acompanhado de erotomania.

Todos estes fanáticos esforços encontram aprovação e apoio nos poderosos da terra, desde Rockefeller Wanamaker, até ao mais pequeno negociante. Eles sabem que o dinheiro com Billy Sneyday «Jovens Cristãos», «ciência cristã» e outras instituições religiosas, lhes dará enormes lucros arrancadas às massas oprimidas e ludibriadas.

Consente ou inconscientemente, a maior parte dos deístas vêem no Deus e no Diabo, no paraíso e no inferno, nos castigos e nas recompensas, um freio para manter o povo na obediência e na resignação.

Todos os deístas nos pintam o seu Deus como a encarnação do amor e da bondade, mas, após milhares de anos destas premissas, os deuses permanecem surdos, ante a agonia da raça humana. Confissão não se preocupa da pobreza e da desolação da China. Buda permanece tranqüilo na sua filosofia indiferença, diante da fome e da perseguição dos indus ultrajados; Jeová não escuta o grito angustiado de Israel; Jesus recusa a erguer-se do seu túmulo, contra os cristãos que mutuamente se trucidam.

A essência de todos os cânticos e orações dirigidas ao céu, consiste numa imploração a Deus, para que vele pela justiça e pela bondade e, não obstante, a injustiça entre os homens aumenta incessantemente, e os ultrajes contra os deserdados são incontáveis.

Mas, quem são os deuses para por fim a todos os abusos e a todos os horrores, à desumanidade e à ferocidade existentes entre os homens? Os deuses são impotentes para renovar a vida. Essa função cabe aos homens; aos homens, esmagados por todas as divindades, roubados e embrutecidos pelos seus emissários. Só ao homem cabe a tarefa de implantar a justiça sobre a terra.

A filosofia do ateísmo exprime a expansão e o desenvolvimento da consciência humana, enquanto a filosofia do deísmo (se é que se lhe pode chamar filosofia), é fixa e estática. Só a tentativa que se faça para decifrar os seus mistérios, é considerada como uma heresia, como uma dívida sacrilega na omnipotência do Todo-poderoso, e, até uma negativa à sabedoria dos poderes estranhos ao homem.

Afortunadamente, o pensamento humano nunca foi nem poderá ser detido; continuará sempre imperturbável a sua marcha para o conhecimento e para a vida. O pensamento humano começa a demonstrar que o Universo não é o resultado dum conhecimento divino, criada do nada, com um fim próprio, uma obra prima, mas sim o produto de forças céticas operando através de milhares de séculos entre choques e catástrofes de repulsão e atracção, e cristalizações, devido ao princípio de selecção no qual os teístas chamam o Universo guiado dentro da ordem e da beleza.

Como muito bem disse José Mac-Cabe na sua «Existência de Deus», a ideia natural não é uma fórmula preparada por um legislador, senão um sumário de factos observados.

As coisas não se desenvolvem numa direcção particular, porque existe uma lei, não é que estabeleçamos a lei porque elas se desenvolvem naquela direcção.

Poderá parecer um paradoxo, mas é absolutamente certo: este mundo real e visível e toda a nossa vida, têm estado mais tempo debaixo da metafísica das forças físicas de monstráveis, sob a maldição teística a Terra tem sido unicamente uma estação temporal para provar a capacidade do homem em submeter-se à vontade de Deus.

O triunfo da filosofia ateísta significa a libertação do ser humano do pesadelo das divindades, a dissolução de todos os fantasmas. Várias vezes a luz da razão dissipou o pesadelo deísta; mas a pobreza, a ignorância e o medo ressuscitaram os fantasmas.

A filosofia do ateísmo tem as suas raízes na Terra, na vida, tende à emancipação da raça humana de todas as tentações sagradas, sejam judaicas, cristãs, maometanas, budistas, bramânicas ou doutra qualquer procedência. O género humano foi duramente castigado por ter criado os deuses: a dor e perseguições foram a divina dádiva. Só um caminho existe para acabar com este mal: romper os feitiços que encadearam as portas do céu e do inferno, começando assim a criar, com a sua consciência renovada e iluminada, um mundo novo sobre a Terra.

EMA GOLDMAN

A queda do governo RODRIGUES GASPAR

O governo Rodrigues Gaspar entregou ontem de manhã a sua demissão ao chefe do Estado em consequência de ter sido derribado pela câmara dos deputados, excepção feita aos deputados afectos ao sr. António Maria da Silva e alguns dos que se agruparam sob a vaga designação de «Acção Republicana».

A câmara dos deputados teve um movimento diminuído, decorrendo a sessão monotonamente. No edifício do Congresso realizou-se uma reunião dos parlamentares democráticos que durou quase toda a sessão.

Há o inevitável compasso de espera durante o qual o sr. Teixeira Gomes faz as consultas da praxe e os democráticos, como os grilos do padre Inácio se esforçam por se enfiar uns aos outros.

Não há governo e tudo continua funcionando como se o houvesse...

EDEN TEATRO

(Celestino Norte 3800)

HOJE - ÀS 9,30 DA NOITE

Companhia Otelo de Carvalho

representação da deslumbrantíssima e graciosa

mágica

49.1 O Bolo-Rei

Um quadro de autêntica revolução - A recepção do rei Sulgante - Os 7 minutos.

A casa do Gigante - O palácio dum príncipe

PEÇA QUE A TODOS AGRADA

Em consequência da enorme concorrência

estão suspensas as entradas do favor

Contra as touradas

O movimento de protesto contra as touradas vem tomando vulto e a distribuição de listas para colher assinaturas para uma mensagem ao parlamento, continua sendo feita pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Praça dos Restauradores, 13, 2.º para onde devem ser dirigidos todos os pedidos e correspondência.

A U. S. O. já tratou deste assunto numa das suas sessões e é de esperar que a classe operária saiba colaborar neste simpático movimento de protesto, assinando e fazendo assinar as circulares contra as touradas.

Locais onde se recolhem assinaturas: Confederação Geral do Trabalho, Calçada do Combro, 38-A, 2.º; União do Professorado Primário, Rua de São Sebastião, 4, 2.º; Sociedade Protectora dos Animais, Rua de São Paulo, 55, 2.º; Sociedade Nacional Turista Portuguesa, Rua da Madalena, 225, 1.º; Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Praça dos Restauradores, 13, 2.º; Chaparia Reis, Rossio, 120, e Loja Infantil, Rossio, 115.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NOS ESTADOS-UNIDOS

A situação dos operários negros

Sobre os 12.000.000 de negros que habitam nos E. U., 89 % vivem nos Estados do Sul. Sobre mais de 10.500.000, 79 % são domésticos agrícolas nas grandes plantações de algodão e de tabaco. Os outros, à excepção dos elementos burgueses, trabalham nas indústrias têxteis, da madeira, do ferro e do carvão. A exploração que os proprietários exercem sobre os operários agrícolas é vergonhosa. Os salários são ínfimos, e a duração do trabalho muito longa. Quanto aos camponeses, estes vivem nas condições mais degradantes e miseráveis que dar se pode. Endividados até à raiz dos cabelos, vivem num estado de escravidão absoluta; nem mesmo têm o direito de abandonar as propriedades e se tentam fugir, são lançados na prisão, depois alçados como operários agrícolas sem salários até que a dívida esteja paga. Muitos dentre eles morrem devido aos maus tratos.

NA INGLATERRA

Os massacres do Sudão

Um deputado de Alexandria, Mourei, enviou há dias um telegrama ao presidente da Câmara dos deputados para protestar contra os «massacres organizados pelos ingleses no Sudão». Os egípcios e os sudaneses formam um único povo que quer unir-se. Os imperialistas ingleses querem separá-los para poder tê-los melhor sob o seu domínio.

Mourei dirige-se aos «liberais» para que eles protestem com ele contra o massacre organizado por Mac Donald e continuado por Baldwin.

O presidente da câmara transmitiu o telegrama à Comissão dos negócios estrangeiros; esta acaba de informar o governo de que o referido telegrama não merece a mínima atenção.

Herriot é pois cúmplice do assassinato dos sudaneses. Não é para admirar.

Não está este massacrando diariamente os marroquinos?

Só o proletariado revolucionário europeu defende os povos coloniais na sua luta libertadora. É portanto a ele que se devem dirigir, se quiserem conquistar a sua liberdade.

A comemoração da revolução de 7 de novembro na embaixada russa em Londres

No sumptuoso hotel da embaixada russa, no centro do bairro aristocrático, Rakowsky, embaixador dos soviéticos em Londres, festejou o sétimo aniversário da revolução russa.

Há sete anos que sob um frio glacial, sem sapatos e sem pão, o povo russo desceu à rua para arrancar à burguesia um pouco mais de bem-estar, e comemorando essa data Rakowsky de casaca e cravo vermelho na lapela, acompanhado de sua esposa em traje de soirée, recebeu na embaixada em nome do proletariado o corpo diplomático, enquanto esse mesmo proletariado sempre sem sapatos e sem pão, rebenta de fome, chorando as suas ilusões perdidas.

E de sorriso nos lábios Rakowsky estreitou as mãos dos seus convidados. E que mãos? A dos adidos militares da França e da Itália, e dos embaixadores da Turquia, da Pérsia e do Afeganistão.

O jornal «l'Intransigeant», que também esteve representado na recepção, escreveu sobre ela o que se segue:

«A recepção foi caracterizada pela maior simplicidade. Num canto da grande sala de dança, uma orquestra russa executava selecções de música ultra-moderna, e no bufet encontrava-se chá, café, chocolate e bolos. Algumas garrafas de Porto e vinho branco foram também desfilhadas.

Não é preciso fazer comentários!!!

Sociedades de recreio

Academia Almadaense.—Reúne em assembleia geral hoje, às 20 horas.

SAPADORES DE CAMINHOS DE FERRO

Os altos feitos e os altos honorários de alguns sargentos

Escreve-nos um 2.º sargento do batalhão do sr. Raúl Esteves a relatar-nos os seguintes curiosos factos:

«Em 1921 era 1.º cabo n.º 238 da 1.ª S. E., António Travanca. Este cavalheiro por 3 vezes concorreu para sargento, mas como nem sequer tinha exame de instrução primária foi licenciado. Quando esse senhor passou à categoria de civil ia abandonar o quartel, descobriu-se que levava nas suas malas objectos pertencentes ao Estado, pelo que foi preso.

Dias depois foi ao preso chamado, juntamente com o seu mestre sr. Vilar, ao gabinete do comandante e ali, depois do preso dar a sua palavra de honra que tinha o exame de instrução primária e comprometer-se a filiar-se no partido monárquico, averbaram-lhes as aulas do curso de sargentos, não cursou e foi promovido, de preso a 2.º sargento. Este caso não é o único. Mais sargentos foram promovidos sob idêntico compromisso. A estes todas as regalias são concedidas, tais como diligências, transferências e outras coisas mais que rendem 25\$00 diários de ajudas de custo. Aos que têm a desgraça de simpatizarem com a república não se poupam castigos nos melhores e preterimentos propostos dos seus superiores.

Ao sargento Travanca não têm faltado êsses extraordinários. Já frequentou 3 escolas de recrutadas, uma de maquinistas da C. P. e está actualmente na C. da Beira Alta. É claro que de todas estas escolas só aproveitou as vantagens monetárias. Na escola de serralheiros que agora frequenta recebe a ninharia de 25\$00 de ajudas de custo, 15\$00 de gratificação e o pret que são 19\$75, o que somado dá 59\$75 diários. Quando este senhor esteve a dirigir as oficinas do batalhão pôz todo o pessoal a fazer isqueiros que, como se sabe, são «engenhos de guerra indispensáveis».

E para pagar as «ajudas de custo» a todos os Raúl Esteves e seus acólitos, esfolta-se desamadamente o contribuinte que, se refugia, é obrigado a calar-se pelos mesmos Raúl Esteves.

E para que a república continue a manter êsses «cavalos de Estado», e esse inútil exército, subiram os operários Monsanto, foram às barricadas da Rotunda.

Tudo isto para sustentar todos os Travancas que atravancam os orçamentos do exército.

O prolongamento da rua Sá da Bandeira

Na última sessão do senado municipal o publico manifestou-se enérgicamente contra a maneira por que pretendem realizá-lo

PORTO, 18.—Mais retumbante do que a tempestade «familiar» desencadeada no turbulento banquete dos radicais—foi a violenta manifestação popular que se efectuou ontem na sessão do Senado.

Tratava-se do projecto n.º 2, engendrado atabalhoadamente pela Comissão Executiva da Câmara Municipal—e esse projecto diz respeito ao já célebre prolongamento da rua Sá da Bandeira.

Quando a maioria democrática do Senado aprovou o aludido projecto n.º 2, rijamente combatido pela minoria,—especialmente pelo sr. Costa Reis—um operário metalúrgico levantou-se indignado e declarou que muito acima das traficâncias da Câmara está a organização operária.

O recinto destinado ao publico estava cheio, predominando o elemento operário metalúrgico. Como se esperava já qualquer intervenção, tiveram o cuidado de colocar à entrada, ou por outra, à saída da porta muitas cadeiras, com o fim de, na confusão da fuga, a multidão se atropelar.

Ela, porém, usou de outra tática. Mal ouviu o grito de revolta sóto pelo referido operário, seguiu-se imediatamente uma explosão de protestos unânimes. Os vivos à organização operária e os mortos ao «rei» Ramiro e aos bandidos e vendidos da Câmara atrovam nos ares turvos do palácio municipal.

Ao mesmo tempo, num trágico conjunto de «contra cantos» a orquestra dos protestos, onvia-se o forte fragor de cadeiras a partirem-se sob os impulsos de violentos pontaps.

Nas hostes vereadoras da maioria estabelecem-se um verdadeiro pânico. Ninguém tem o arrojado de, semelhando um Homem Cristo, enfrentar a multidão que continuava a manifestar-se ruidosamente.

Pela cabeça de todos os ilustres edis perpassa, fulminantemente, a ideia de que o resto das cadeiras ainda direitas se vão esboar nas luminadas cabeças dos donos do burgo.

O presidente da mesa deu o exemplo da desercção: abandona, precipitadamente, a presidência, num verdadeiro «salve-se quem puder».

A porta e desastinadamente, seguem-se Ramiro Guimarães, Guerreiro de Sá, Júlio Gomes dos Santos, Carlos da Silva, etc.—que momentos antes estavam escarnecedores e provocantes, não só para a raté, mas também para aqueles senadores que combatiam tenazmente o projecto-aborto do tal prolongamento da rua Sá da Bandeira.

Na sua fuga precipitada para a sala de desaguadouro da presidência, os vereadores, que tinham visíveis sinais de comprometimento, foram protegidos pela guarda, a fim de que não lhes fosse cortada a retirada.

Na sala das sessões ficou só a minoria—ovante, porque nada devia.

A multidão, depois, prolongou, pelas ruas, a sua vibrante manifestação hostil à maioria democrática—indo às redacções dos jornais.

¿Mas porque se deu este acontecimento, ao qual os jornais lhe apoucaram o vulto? Na 1.ª sessão do Senado em que principiou a ser discutido o projecto n.º 2 da Comissão Executiva da Câmara, a maioria democrática, pela voz dum dos seus ramos componentes, afirmou que acima dos 150 operários desempregados metalúrgicos, que acima, portanto, da classe metalúrgica e das outras que a apoiam, estão o embelezamento da cidade, a sua estética, etc., e tal.

Ora os metalúrgicos, como, aliás, a própria minoria da Câmara, não se opõem ao embelezamento, à estética da cidade. Se o projecto em questão estivesse rigorosamente dentro dessa lógica, é-lhes limitarem-se a solicitar da Câmara um praso para que os proprietários das fundições do Bolhão e Fradeiros podessem mudar as suas instalações, prejudicando o menos possível os seus operários.

Mas, pelo visto, sucede precisamente o contrário: o projecto é o que há de mais inestético—conforme o dizem os próprios engenheiros da Comissão camarária de estética, que para nada foi ouvida.

O vereador do pelouro das obras, sr. Guerreiro de Sá, manda e os vassallos executam. Não há mais satisfações a dar. Assim, qualquer badameco que amanhã possa guindar-se àquela pelouraria situação, fica com o direito de se julgar competentíssimo para reformar a cidade sem necessidade de consultar ninguém conhecedor dos assuntos estéticos.

O que se afirma é isto: o terreno onde está edificada a Fundação do Bolhão é pertença de um parente do sr. Ramiro Guimarães, presidente da Comissão Executiva da Câmara. Como a referida propriedade não lhe dá aquele chorudo aluguer que tanto ambiciona, conseguiu com o dito parente que o alinhamento do prolongamento da rua Sá da Bandeira saia fora do alinhamento, para que, entortada a linha de rua prolongatória, vá atingir o seu terreno e, portanto, a Câmara lhe pague bem pago.

Para este entortamento, perfeitamente inestético, visto que vai colocar ao cimo da rua Sá da Bandeira um verdadeiro funil arreado—contribuiu também o proprietário da Estamparia do Bolhão, ora ruínas, mercê do incêndio: fez toda a pressão junto dos trunfos políticos, perfeitamente cheios de isenção interesseira.

Se o corte do prolongamento da rua Sá da Bandeira fosse em linha recta, é atenuado, é certo, uma grande parte da Estamparia do Bolhão e da garagem contigua, mas poupava as fundições de Fradeiros e do Bolhão. Esta última apenas sofria um corte de fuga, numa ombreira, com o que nada

prejudicava as oficinas e, portanto, os respectivos operários.

Além disso, o prolongamento em linha recta passava quasi só por quintais, ludo, na rua Gonçalo Cristóvão afectar uma parte do quartel de bombeiros Guilherme Gomes Fernandes. Mas este quartel pode muito bem ser aumentado do lado oposto.

Sempre ficava mais estético e mais barato.

Mas como, afinal, andam interesses envolvidos no caso, prefere-se que a rua fique tortuosa, funiforme para que deite abaixo, pelas razões apontadas—para honra e glória da crise de casas e aumento de alugueis—a fundição de Fradeiros, etc., ficando mais algumas centenas de metalúrgicos a engrossar o exército já desenvolvido dos chomans.

O vereador Carlos da Silva, proprietário duma barraca infecta, sem ar nem luz, existente em Massarelos, e à qual lhe dão o nome de Fundação do Campo do Rou—aplaudiu também freneticamente o projecto do entortamento do bocado da rua Sá da Bandeira, a acrescentar, possivelmente por uma questão de concorrência.

Eis o motivo das manifestações ocorridas ontem na sessão do Senado; eis porque o publico considera a maioria democrática da Câmara vendida neste caso do prolongamento da rua Sá da Bandeira.

Ao que se diz, o proprietário da fundição do Bolhão vai intentar uma campanha contra o tortuoso projecto da Comissão Executiva, elucidando melhor o publico.

Vedremo e depois falaremos...

C. V. S.

CARTA DO PORTO

O prolongamento da rua Sá da Bandeira

Na última sessão do senado municipal o publico manifestou-se enérgicamente contra a maneira por que pretendem realizá-lo

PORTO, 18.—Mais retumbante do que a tempestade «familiar» desencadeada no turbulento banquete dos radicais—foi a violenta manifestação popular que se efectuou ontem na sessão do Senado.

Tratava-se do projecto n.º 2, engendrado atabalhoadamente pela Comissão Executiva da Câmara Municipal—e esse projecto diz respeito ao já célebre prolongamento da rua Sá da Bandeira.

Quando a maioria democrática do Senado aprovou o aludido projecto n.º 2, rijamente combatido pela minoria,—especialmente pelo sr. Costa Reis—um operário metalúrgico levantou-se indignado e declarou que muito acima das traficâncias da Câmara está a organização operária.

O recinto destinado ao publico estava cheio, predominando o elemento operário metalúrgico. Como se esperava já qualquer intervenção, tiveram o cuidado de colocar à entrada, ou por outra, à saída da porta muitas cadeiras, com o fim de, na confusão da fuga, a multidão se atropelar.

Ela, porém, usou de outra tática. Mal ouviu o grito de revolta sóto pelo referido operário, seguiu-se imediatamente uma explosão de protestos unânimes. Os vivos à organização operária e os mortos ao «rei» Ramiro e aos bandidos e vendidos da Câmara atrovam nos ares turvos do palácio municipal.

Ao mesmo tempo, num trágico conjunto de «contra cantos» a orquestra dos protestos, onvia-se o forte fragor de cadeiras a partirem-se sob os impulsos de violentos pontaps.

Nas hostes vereadoras da maioria estabelecem-se um verdadeiro pânico. Ninguém tem o arrojado de, semelhando um Homem Cristo, enfrentar a multidão que continuava a manifestar-se ruidosamente.

Pela cabeça de todos os ilustres edis perpassa, fulminantemente, a ideia de que o resto das cadeiras ainda direitas se vão esboar nas luminadas cabeças dos donos do burgo.

O presidente da mesa deu o exemplo da desercção: abandona, precipitadamente, a presidência, num verdadeiro «salve-se quem puder».

A porta e desastinadamente, seguem-se Ramiro Guimarães, Guerreiro de Sá, Júlio Gomes dos Santos, Carlos da Silva, etc.—que momentos antes estavam escarnecedores e provocantes, não só para a raté, mas também para aqueles senadores que combatiam tenazmente o projecto-aborto do tal prolongamento da rua Sá da Bandeira.

Na sua fuga precipitada para a sala de desaguadouro da presidência, os vereadores, que tinham visíveis sinais de comprometimento, foram protegidos pela guarda, a fim de que não lhes fosse cortada a retirada.

Na sala das sessões ficou só a minoria—ovante, porque nada devia.

A multidão, depois, prolongou, pelas ruas, a sua vibrante manifestação hostil à maioria democrática—indo às redacções dos jornais.

¿Mas porque se deu este acontecimento, ao qual os jornais lhe apoucaram o vulto? Na 1.ª sessão do Senado em que principiou a ser discutido o projecto n.º 2 da Comissão Executiva da Câmara, a maioria democrática, pela voz dum dos seus ramos componentes, afirmou que acima dos 150 operários desempregados metalúrgicos, que acima, portanto, da classe metalúrgica e das outras que a apoiam, estão o embelezamento da cidade, a sua estética, etc., e tal.

Ora os metalúrgicos, como, aliás, a própria minoria da Câmara, não se opõem ao embelezamento, à estética da cidade. Se o projecto em questão estivesse rigorosamente dentro dessa lógica, é-lhes limitarem-se a solicitar da Câmara um praso para que os proprietários das fundições do Bolhão e Fradeiros podessem mudar as suas instalações, prejudicando o menos possível os seus operários.

Mas, pelo visto, sucede precisamente o contrário: o projecto é o que há de mais inestético—conforme o dizem os próprios engenheiros da Comissão camarária de estética, que para nada foi ouvida.

O vereador do pelouro das obras, sr. Guerreiro de Sá, manda e os vassallos executam. Não há mais satisfações a dar. Assim, qualquer badameco que amanhã possa guindar-se àquela pelouraria situação, fica com o direito de se julgar competentíssimo para reformar a cidade sem necessidade de consultar ninguém conhecedor dos assuntos estéticos.

O que se afirma é isto: o terreno onde está edificada a Fundação do Bolhão é pertença de um parente do sr. Ramiro Guimarães, presidente da Comissão Executiva da Câmara. Como a referida propriedade não lhe dá aquele chorudo aluguer que tanto ambiciona, conseguiu com o dito parente que o alinhamento do prolongamento da rua Sá da Bandeira saia fora do alinhamento, para que, entortada a linha de rua prolongatória, vá atingir o seu terreno e, portanto, a Câmara lhe pague bem pago.

Para este entortamento, perfeitamente inestético, visto que vai colocar ao cimo da rua Sá da Bandeira um verdadeiro funil arreado—contribuiu também o proprietário da Estamparia do Bolhão, ora ruínas, mercê do incêndio: fez toda a pressão junto dos trunfos políticos, perfeitamente cheios de isenção interesseira.

Se o corte do prolongamento da rua Sá da Bandeira fosse em linha recta, é atenuado, é certo, uma grande parte da Estamparia do Bolhão e da garagem contigua, mas poupava as fundições de Fradeiros e do Bolhão. Esta última apenas sofria um corte de fuga, numa ombreira, com o que nada

prejudicava as oficinas e, portanto, os respectivos operários.

Além disso, o prolongamento em linha recta passava quasi só por quintais, ludo, na rua Gonçalo Cristóvão afectar uma parte do quartel de bombeiros Guilherme Gomes Fernandes. Mas este quartel pode muito bem ser aumentado do lado oposto.

Sempre ficava mais estético e mais barato.

Mas como, afinal, andam interesses envolvidos no caso, prefere-se que a rua fique tortuosa, funiforme para que deite abaixo, pelas razões apontadas—para honra e glória da crise de casas e aumento de alugueis—a fundição de Fradeiros

MARCO POSTAL

Colmra. A. F. — Recebemos 10.000 de A. Cunha. Com referência aos recibos que desde agosto aguar-
damos o resultado da cobrança, motivo, porque não
temos recebido novos recibos do que resulta lamen-
táveis atrasos.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE NOVEMBRO

T.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,24
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,20
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	1	8	15	22	Q. C. dia 3 às 23,18
D.	2	9	16	23	Q. M. " 11 " 12,31
S.	3	10	17	24	Q. M. " 19 " 17,38
S.	3	10	17	24	L. N. " 20 " 17,30

MARÉS DE HOJE
Praiamar às 8,58 e às 9,37
Baixamar às 1,50 e às 2,28

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Londres, 90 dias de vista	101,50	102,50
Londres, cheque	101,50	102,50
Paris	121,5	122,5
Suça	121,5	122,5
Belgica	121,5	122,5
Holanda	121,5	122,5
Madrid	121,5	122,5
New-York	21,50	22,50
Brazil	21,50	22,50
Noruega	30,5	31,5
Suecia	30,5	31,5
Dinamarca	30,5	31,5
Franga	30,5	31,5
Buenos Aires	30,5	31,5
Viena (1000 corôas)	30,5	31,5
Reinhardt euro	30,5	31,5
Agio do ouro 1/2	28,50	29,50
Libras ouro	110,500	112,500

ESPECTACULOS

THEATROS
São Carlos — A's 21,30 — Mademoiselle Pascali.
Racional — A's 21 — O Regente.
São Luis — A's 21 — La Goya e T. S. P.
Trindade — A's 21,15 — A Condessa Ballarina.
Dilettante — A's 21 — O Preciso viver.
Reinhardt — A's 21,15 — Uma coisa que nunca se es-
quece.
Teatro — A's 21,15 — Uma Causa Celebre.
Cien — A's 21,30 — O Bêlo Rei.
Maria Vitória — A's 20,30 e 22,30 — Reis-Vés.
Caleão dos Reclamos — A's 15 e 21 — Companhia de
Circos.
Salão Joy — A's 20,30 — Variedades.
Vila Vicente (di Gracia) — Não há espetáculo.
Frederic Parque — Todas as noites — Concertos e di-
versões.
CINEMAS
Olimpia — Chado Ferrasse — Salão Central — Cinema
Gomes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Pro-
moteora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-
perança — Chanteleer.
MALAS POSTAIS
Pelo pacote "Limas da Empresa Insulana de Na-
vegação" são hoje expedidas malas postais para a
Ilha da Madeira e arquipélago dos Açores, sendo
da estação central dos correios a última tiragem de
correspondência às 7 horas e no caso de Santos re-
cebe-se correspondência até às 9,45, mediante o pa-
gamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.
Pelo pacote "Desceado" são hoje expedidas malas
postais para o Rio de Janeiro, Santos e Argentina,
sendo da estação geral a última tiragem da correspon-
dência às 10 horas.

Agência de Passagens e Passaportes
Carlos Nobre França Baleiaão
Esta agência trata de passagens e pas-
saportes para toda a parte do mundo
R. FERREIRA, 48, 3.º
LISBOA

Anilinas JACOBUS
— Para tingir em casa —
— As melhores e de maior confiança —
Sabonetes JACOBUS
O mais fino e económico sabonete de toilette
SABONETES OPTIMUS
O mais barato sabonete de toilette
A venda em todas as drogarias do país
Depósito geral, só por atacado
Sociedade Produtos Químicos, Lt.º
Campo das Cebolas, 43, 1.º — LISBOA

Instrumentos
Harmónicos vendem-se. — Tratar com a
Associação dos Operários Corticeiros —
Silves.

Calçado MAIS BARATO!
Só se vende na rua do Comércio, 19-21
— para homem, senhora e criança —
VER PREÇOS NAS NOSSAS MONTRAS

OS MISTERIOS DO POVO
N.º 305

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

20-11-1924

Valério, Lopes & Ferreira, L.º
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
— guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO IMPERIO, 85 — LISBOA — TELEF. 3930, N.º 1
gramas, FERRAGENS

IMPORTANTE
SEGUROS MARÍTIMOS
«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebrou e in-
tractos com os mais importantes resseguradores, f.c. do assim h. bilita-
da a cobrir os riscos marítimos em condições da mais vantajosas e
dentro da máxima garantia.
Vantagens especiais em apólices flutuante.
Dirigir-se a
A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$000 — Reservas, Esc. 749.031\$60,9
Sede em Lisboa: Delegação no Porto:
Rua Garrett, 95 — Tel. 3894 Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

Para tingir em casa não
empreguem senão:
Tintas para tingir a quente RAPOSA (44 tons)
Tintas para tingir a frio RAPOSA (33 tons)
A marca que está fazendo furor pela beleza, fidelidade absoluta, enorme variedade das cores e
QUALIDADE INCOMPARAVELMENTE A MELHOR
O preto e o azul escuro são as verdadeiras pedras de toque da qualidade de uma marca de tin-
tas. O preto RAPOSA é um preto real e que não se faz russo. Experimente o preto RAPOSA
e comparem.
Exigir só a marca: RAPOSA em toda a parte
A venda nas boas drogarias de todo o país e illas
Representantes exclusivos: SCHROETER & C.º R. São Julião, 5 spt
Lisboa — Telefone C. 552

The Match and Tobacco Timber Supply C.º
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL: autorizado £ 1.000.000, emitido £ 100.000
Sede: Rua de São Julião, 139
São avisados por este meio os interessados de que está aberta em
Paris, no COMPTOIR NATIONAL D'ESCOMPTE DE PARIS, Rua
Bergère, 14, e na Casa NEUPLIZE & C.º, Rua Lafayette, 31, a sub-
scrição de ações desta Companhia que tinham sido reservadas na última
emissão aos portadores franceses de ações da Companhia dos Tabacos
de Portugal.
Os Administradores
(aa) J. Ulrich — D. Luis Lancastre

TUBERCULOSOS
debilitados, com suores nocturnos, anémicos,
fracos, pela falta de apetite cural-vos com a
TRIOLINA
Tendo tomado a TRIOLINA compre-a afirmar
que tive nella um poderoso estimulante do apetite,
bom tónico, obtendo bons resultados no restabe-
lecimento da minha saúde multissimo abalada por
uma grave doença pulmonar. Alberto Sousa dos
Santos — Bairro Caramelo, A. 4.º
DEPOSITOS:
Farmácia Estácio, Rossio.
Raposo Sobrinhos, Largo de São Julião, 11.
A IDEAL, L.º DA
R. da Assunção, 88, 1.º — Tel. N. 5080
Faz transações sobre tudo
— que ofereça garantia —

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Para as classes pobres
Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando
Narciso — A's 4 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar —
4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães —
8 horas.
Pele e sillus — Dr. Correia Pigueiredo — 11 e
15 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R.
Loff — 1 hora e meia.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos —
2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Cordeiro Fer-
reira — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oli-
veira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo —
3 horas.
Tratamento de diabéticos — Dr. Ernesto Roma —
3 horas.
Doença e dentes — Dr. Armando Lima — 6 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4
horas.
Raio X — Dr. José de Padua — 4 horas.
Análises — D. Gabriela Bento — 4 horas.

AOS MARCENEIROS
Por motivo de balanço
Guarnição 2 fíletes e gaveta \$70
Freijó \$95
Guarnição grado \$95
Soco \$90
2 fíletes e gaveta
pinho \$60
Cedro serrado em 20-25-55
mjm a 1.600\$00
Freijó, 20-25-55 mjm 1.500\$00
Lixa papel, dúzia 3\$00
Fundos para cadeiras 10%, de desconto
Ferreira para moveis, idem
Campo dos Mártires da Pátria, 68
— J. FERREIRA —

Á GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10 %
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 3\$00
Sapatos em verniz 3\$50
Botas pretas (grande saldo) 4\$50
Botas brancas (saldo) 3\$80
Grande saldo de botas pretas 5\$50
Botas de couro para homem 4\$50
Não confie a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Var. sap. pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria e na rua dos Cavaleiros,
16-0, com Filial na mesma rua, n.º 68.

Cimento portland
"TEJO"
Qualidade garantida
Análises oficiais
Preços resumidos
António Moreira Rato
& F.ºs., L.º da
Rua 24 de Julho, 54-F
TEL. C. 233 LISBOA

ASSALTO
Assim se pode classificar pelatente constante
no Depósito da Confilia, onde o povo procura de-
bater-se, comprando fazendas de lá para fora,
sobretudo, sapatos e vestidos de senhora, dire-
tamente da Fábrica, por menos 30 a 40 por.
Atenção para homens e senhores onde se po-
dem vestir com elegância, e por preços excep-
cionais, mas só para clientes que façam as suas
compras no Depósito da Confilia.
Pelas finalidades, 50\$30 e 57\$50 cada qual.
Chegou a primeira remessa de impermeáveis,
vende cada uma por 190\$99, escudos! Telefone 11.
4663.
ROSSIO, 93, 1.º ANDAR.

NÃO SOFRA MAIS!
Use HERPETOL para as
doenças da pele
Umas gotas deste medicamento escalam e
fazem por completo desaparecer a comichão.
O HERPETOL é na realidade o primeiro
medicamento descoberto para as doenças da pele,
tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERU-
PÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA
NA PELE e MORDEEDURAS DE INSECTOS.
Instantes depois da aplicação, o doente
vê com regozijo sintomas de restabelecimento.
A CURA É CERTA, em muitos casos um só
frasco e o suficiente para uma cura. Se sofre,
compre sem demora esta especialidade que se
vende nas principais farmácias.
DEPOSITOS:
LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

FÁBRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.º
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LIVRARIA RENASCENÇA
Obras literárias, científicas, profissionais
e artísticas de autores portugueses e estran-
geiros.
Trabalhos tipográficos, cartuchos e livros
de escurtatura, mapas de sacranção, ma-
pas de descargo de cotas e de matrículas
para Sindicatos, Cooperativas, Comunas,
Juventudes, etc.
Grande sortimento em material escolar,
artigos de papelaria e escritório, sempre
aos preços mais baixos do mercado.
Grandiosa obra de Victor Hugo, «OS
MISÉREVEIS», ilustrada por assinaturas,
tomo e encadernada com capas especiais
em 2 grandes volumes a 4000, acrescentan-
do 500 de porte e embalagem para a pro-
pria. Sempre novos artigos e novidades lite-
rarias.
Joaquim Cardoso
Rua dos Poiais de São Bento,
27 e 29
LISBOA

Alvaro Vidal dos Santos Franco
Chamada de créditos
Convidam-se todos os credores desta
firma a apresentarem as suas contas duran-
te o prazo de 8 dias na rua Nova do Leu-
reiro, 33, das 11 às 14 a fim de se combinar
a forma de pagamento. A nova firma
Maginu, Matos & Lima Jor L.º da

Alberque dos Invalidos do Trabalho
Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da
Mesa é convocada a assembleia geral a reu-
nir no próximo domingo, 23, pelas 13 ho-
ras, para discussão do parecer da comissão
revisora de contas e eleição da direcção.
O Secretário da Mesa, Alberto Fonseca
dos Santos.
Sais DERMOMA
O melhor contra todas
as dores e males
dos pés.
INCHAÇÃO
QUEIMADURAS
DUREZAS
BOLHAS D'AGUA
TRANSPIRAÇÃO
COMICHÃO
Cura radicalmente as frieiras suprimindo logo a
dor, comichão, inchação e inflamação.
A venda em todas as farmácias e drogarias.
Depósito: Mário Brandão, Ltd.º — Rua Eugénio
dos Santos, 99 — LISBOA.
N.º B. — Exijam os verdadeiros Sais «Dermoma»
e recusam as imitações que não têm nenhum va-
lor curativo. Laboratoire J. Haie, 62, Avenue
Gambetta — PARIS.

CONTADORES
PARA ÁGUA
— Artigos de futebol —
Bicicletas — acessórios —
— Chegaram novas remessas —
— Banheiras de ferro esmaltado —
Máquinas para costir. Quinquilarias
— e carburador de calcão —
T. de São Do-
— mingos, 28 —
LIMAS
As melhores sa-
as de «União».
Tome Ferraz,
Vicente de Leiria.
Pedir em todas as
lojas de ferragens.
Em preços de tem-
para a revenda com
as melhores condi-
ções inglesas.
Pedidos aos nossos Representantes e Deposi-
tários em Lisboa: srs. Ferreira & C.º, L.º da Ca-
cada do Marquês de Abrantes, 108 — Telef. C. 1012

ANTONIO FRAGA, S.º
Ourives-Joalheiro
RUA DA PALMA, 6 a 12
Lembro aos meus amigos e frequentes em
contínuo vendendo todos os artigos de or-
febraria e joalheria, por preços com os
quais ninguém pode competir, embora haja
quem se incomode por eu estar vendendo
tão barato.
Poco uma visita à minha casa.
Confrontem a quantidade das brilhantes e
os seus preços, e verão depois quem melhor
e mais barato vende.
Tenho sempre artigos em 2.º mão reno-
vados com pouco fêlito.
Não confundir, primeira
casa Fraga, subindo a Rua
da Palma.
A AGENCIA ALMEIDA
Faz grandes descontos a quem for sócio de
confederado na C. O. T. ou assinante de
A Batalha e suas famílias.
Funerais nos Hospitais, Morgue e particu-
lares. Trasladações. Corças. Preço muito re-
sumido por possuir todos os utensílios.
Telef. 78-Benfica. — R. Alves Correia, 189
(Vulgo São José). — Empregado a qualquer
hora da noite.
PEDRAS PARA ISQUEIROS
Metal Auer, assim como rodas de
necessitas, tubos, molis, chaminés de 2
e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo
Conde Barão, n.º 95.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Leite
(2.º e 3.º andares) que fornece em melhores con-
dições.
DENTES ARTIFICIAIS
a 1900 — Obituações a 2500 — Extrac-
ções sem dor a 1500
Das 11 às 13 no consultório de
MARIO MACHADO
da Escola Dentária de Paris
Chiado, 74, 1.º — Telef. C. 118
POLICLINICA POPULAR
Rua Morais Soares, 114 (ao Alto do Pico)
Dirigida pelos d.ºs:
e D.º João da Silva — Clínica médica, coração
e pulmões — A's 12 h. e 12 h. 1/2.
Celestino Henriques — Cirurgia, operações — A's
12 h. e 12 h. 1/2.
Custódio S. de Oliveira — Doenças dos olhos —
A's 11 h. e 12 h. 1/2.
Domingos Pereira — Doenças da boca e dentes —
A's 9 h. e 12 h. 1/2.
Eduardo Nunes — Doenças da nutrição, clínica
geral — A's 9 h. e 12 h. 1/2.
Yves de Matos — Doenças das crianças — A's
10 h. e 12 h. 1/2.
Romes Coelho — Garganta, nariz e ouvidos —
A's 10 h. e 12 h. 1/2.
Isabel Pereira — Doenças das senhoras — A's
12 h. e 12 h. 1/2.
Júlio Guerreiro — Clínica geral, Estômago, intes-
tinos e fígado — A's 12 h. e 12 h. 1/2.
Mário Verelha — Rins e vias urinárias — A's 11 h. e
12 h. 1/2.
Oliveira Vellozo — Pele e sillus — A's 11 h. e
12 h. 1/2.
João Seligman — Raios X — A's 11 h. e 12 h. 1/2.
João de Oliveira — Análises clínicas. Vacinas —
A's 11 h. e 12 h. 1/2.

PEDRAS PARA ISQUEIROS
legítimo metal AUER, única privilegiada
e acreditada universalmente
or ser a que faz melhor e mais
5 que tem maior duração
DUZIA 60 CENTAVOS
(cuidado com as imitações)
a aos centos e aos milhares, assim como
isqueiros, rodas, tubos, pino e tampões,
aos melhores preços para revenda.
Pedidos a CARLOS A. SANTOS
Depósito: Rua do Arsenal, 50 — LISBOA
Companhia Nacional de Navegação
Vapor «Angola»
Sairá no dia 1 de Dezembro para Ma-
deira, São Tomé, Louanda, Lobito, Mossa-
medes, Cabo (Cape Town), Lourenço Mar-
ques, Beira e Mocimbo; e para Inhama-
ne, Chinde, Quelimane, Pêbane, Angoche,
Pôrto Amélia e Ibo com transbordo.

OS MISTERIOS DO POVO
N.º 305
20-11-1924

— Karl, pôsto que a tua idea não possa em
nenhum caso atingir o alvo a que pretendes chegar, con-
tudo esse pensamento é generoso, eu t'o agradeço.
— Pela capa de São Martinho! Vossês são um
povo singular! Que! se tu julgasses que eu merecia
estima e afeição, os teus compatriotas, no caso de par-
tilharem a tua opinião, não acceitariam com alegria o
meu imperio, que eles hoje experimentam pela força?
— Não se trata para nós de ter um senhor mais ou
menos meritório; não queremos senhor.
— Ah! não querem! mas eu sou senhor, pagãos!
— Sim até ao dia em que nós nos revoltarmos no-
vamente contra ti.
— Serão suplantados, exterminados, juro-o por
Deus.
— Seja, manda exterminar o último gaulez da Bre-
tanha, manda degolar todas as crianças, e então tu
poderás reinar em paz na Armorica deserta e despo-
voadas; mas enquanto um homem da nossa raça viver
nesse país, tu poderás vencê-lo, mas nunca subjuga-lo.
— Velho, pois o meu dominio é tam terrível?
— Nós não queremos dominio estrangeiro. Viver
segundo a lei de nossos avós, eleger livremente os
nossos chefes como homens livres, não pagar tributo
a ninguém, encerrar-nos nas nossas fronteiras e de-
fendê-las, tal é o nosso desejo. Aceita-o, tu não recar-
rás coisa alguma da nossa parte.
— Condições, a mim! a mim! que reino como se-
nhor na Europa! uma miseravel população de pasto-
res, de rachadores e de lavradores, impôr-me condi-
ções a mim, de quem a força armada conquistou o
mundo!
— Eu poderia responder-te, que para venceses esse
miseravel povo de pastores, de rachadores e de lavra-
dores, entrincheirados no meio das montanhas, dos
seus rochedos, das suas lagoas e dos seus bosques,
foi-te preciso enviá-los à Gallia armoricana os teus ve-
lhos bandos das guerras de Saxonia e da Boemia!
— Sim! exclamou o imperador com despeito; e a
fim de conservar o teu maldito país na obediência

tou-me a causa desta repentina tristeza. — «Não sabem
meus fieis, disse eu a aqueles que me rodeavam, não sa-
bem porque eu choro amargamente? Não receio certa-
mente, que esses North-mans me prejudiquem com as
suas miseráveis piratarías, mas aflijo-me profunda-
mente, que durante a minha vida, eles tenham a audá-
cia de abordar a uma das praias do meu império, e
grande é a minha dor, pelo sentimento dos males que
esses North-mans causarão não só à minha descendên-
cia mas também aos meus povos.»
E o imperador permaneceu durante alguns instan-
tes como oprimido de novo com este sinistro prognós-
tico, que lhe vinha à idea.
— Karl, replicou Amael com voz grave, já te disse
que toda e qualquer realzação contém um germen de
morte, porque o seu principio é iníquo. Talvez que es-
ses piratas North-mans façam expliar um dia à tua raça
a iniquidade original do seu poder real descendente da
conquista.
Ou fôsse que o imperador, absorto nas suas ideas,
não tivesse ouvido as últimas palavras do gaulez cen-
tenário, ou fôsse que não quizesse responder a elas,
exclamou:
— Esqueçamos esses malditos North-mans; fala-
me do que, segundo pensas, eu tenha feito de bom:
os teus louvores são raros e por isso me agradam mais.
— Tu não és cruel por condição, com quanto te pos-
sam acusar de uma abominavel mortandade de mais
de quatro mil saxonios degolados pelas tuas ordens
depois de uma sanguinolenta batalha.
— Não me recordes esse dia, disse vivamente Karl
interrompendo Amael; foi horrivel! era uma verda-
deira carnificina; mas tinha sido preciso aterrar esses
barbaros com um exemplo. Fatal necessidade da guerra!
— O teu coração é acessível a certos sentimentos
de justiça e de humanidade; tu trataste, nos teus Ca-
pitulares, de melhorar um pouco a sorte dos escravos
e dos colonos.
— Fra o meu dever de cristão e de católico.
— Tu és tam cristão como os teus amigos bispos;

obedeceste a um instinto de humanidade natural no
homem, qualquer que seja a sua religião; mas tu não
és cristão.
— Pelo rei dos céos! sou judeu talvez!
— Cristo disse isto, segundo São Lucas, o evange-
lista: «O senhor enviou-me para anunciar aos cativos
a liberdade, para livrar aqueles que jazem em ferros!»
Ora, os teus dominios estão povoados de cativos rou-
bados pela conquista ao seu país, as terras dos teus
bispos e dos teus abades estão povoadas de escravos;
segue-se pois que, nem tu nem os teus sacerdotes são
cristãos, visto que um cristão, segundo Cristo, nunca
deve reter o seu próximo na escravidão.
— O costume assim o quer.
— O costume? E quem lhes impede, tanto aos bis-
pos como a ti, omnipotente imperador, de abolir esse
abominavel costume? Quem lhes impede de libertar
os escravos! Quem lhes impede de dar-lhes com a li-
berdade a posse dessas terras que só eles fecundam
com os seus suores, e que pertenciam a seus avós, li-
vres em outra época?
— Velho, em todos os tempos houve e have-
rá escravos... De que serve ser da raça conquista-
dora, senão para conservar para si e para os seus os
frutos da conquista? Pelo rei dos céus! consideras-me
um barbaro? Acaso não promulguei eu leis; não fun-
dei escolas e não animei as letras, as artes e as sciên-
cias? Haverá no mundo uma cidade que se possa com-
parar com a minha cidade de Aix-la-Chapelle?
— A tua sumptuosa capital de Aix-la-Chapelle, ca-
pital do teu império germânico, não é a Gália. A Gália
ficou sendo para ti uma região estrangeira. Uma
espantosa miséria devastou as nossas provincias; por
alguns milhares de senhores, de bispos ou de abades,
que vivem na devassidão e na madragaria, milhões de
criaturas de Deus, quasi sem pão, sem abrigo e sem
vestuário, trabalham desde o amanhecer até à noite e
morrem no cativeiro para sustentar a opulência dos
seus senhores; por algumas crianças a quem tu man-
das dar instrução na tua escola palatina, milhões de

criaturas de Deus nascem e morrem como brutos, en-
vilecidas e iludidas pelos sacerdotes, que acumulados
de riquezas, insaciáveis de poder, pregam às turbas a
divindade da miséria e a santidade do cativeiro... Tal
é a Gália no teu reinado, Karl o Grande, augusto im-
perador...
— Velho, replicou o imperador com ar taciturno e
reprimido apenas a sua cólera, depois de te ter tra-
tado como amigo durante este dia, eu esperava da tua
parte uma outra linguagem.
— Falei-te com toda a sinceridade, era assim que
falava a teu avô.
— Em memória de meu avô, em reconhecimento
do serviço que tu lhe prestaste na batalha de Poitiers
queria ser generoso contigo. Desejava levar a cabo
uma coisa boa para mim, para o teu povo e para ti.
Sim, esperava depois deste dia passado na minha inti-
midade, poder mudar as tuas prevenções e dizer-te:
— Venci os bretões pela força das minhas armas, quero
firmar a minha conquista pela persuasão. Volta ao teu
país, conta aos teus compatriotas o dia que passaste
com esse Karl conquistador e tirano; eles acreditarão
as tuas palavras, porque têm em ti, bem o sei, uma
absoluta confiança. Tu tens sido a alma das duas últi-
mas guerras, que eles sustentaram contra mim, se
pois a alma da pacificação que eu desejei. Uma con-
quista baseada na força é muitas vezes efêmera; uma
conquista consolidada pela afeição e pela estima, tor-
na-se invulneravel. Creio ter-te provado que se pôde
estimar Karl; fio-me na tua lealdade para cativares
para mim o coração dos bretões. Sim, tal era a minha
esperança. Esta esperança, a amarga injustiça das tuas
palavras a destroi! não pensemos mais nisso. Tu ficas
rá aqui em refens; tratar-te-hei como devo tratar um
valeroso soldado que salvou a vida de meu avô; tal-
vez que por fins de tempos me julgues mais equitati-
vamente; quando chegar esse dia, poderás então vol-
tar para o teu país, e, estou certo então, que dirás a
meu respeito o que julgares acertado e bom, do mes-
mo modo que dirias hoje o que julgasses mau.

A BATALHA

A Revolução é uma obra de todos os momentos; tanto é de hoje como de amanhã. É uma acção continua, uma batalha cotidiana, sem tregua nem descanso, contra as forças da opressão e da exploração. — E. POUGET.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

O congresso das Trade Unions no Canadá

O Congresso das "Trade Unions" do Canadá, que se realizou em Toronto, sob a presidência do Sr. J. G. Robertson, ex-ministro trabalhista, reclamou urgentemente o restabelecimento da política de completa cooperação entre o operário e o departamento de Imigração. Uma proposta de um dia de greve por todo o Canadá, para demonstrar o poder do operário, foi rejeitada pelo secretário, Tom Moore. Este foi eleito para o referido cargo pela sétima vez.

Foi organizada uma Liga feminina, tendo entre outros objectivos, conquistar a semana de 44 horas de trabalho, salário igual ao dos homens em trabalhos idênticos, e compensação no caso de acidentes. A nova associação também prestará particular atenção às condições de trabalho das mães e das crianças. Deseja evitar o emprego da mulher em trabalhos pesados.

A jornada das oito horas na Alemanha

Um inquérito feito em meados de Julho pela União dos Operários das Fábricas da Alemanha sobre a duração do trabalho deu os seguintes resultados: Num número total de 481.449 pessoas, 54 por cento trabalham o máximo 48 horas por semana; 3,6 por cento 48 a 51 horas; 26 por cento 51 a 54 horas; e 15,9 por cento mais de 54 horas por semana.

Os mineiros de carvão da Nova Zelândia constituem o Sindicato Unico

Os mineiros da Nova Zelândia formaram uma só organização, compreendendo todos os trabalhadores empregados nas minas de carvão.

A nova organização passará a denominar-se União dos Trabalhadores das Minas da Nova Zelândia.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O Sindicato dos Impressores Tipográficos

celebram ontem com uma sessão solene, o seu aniversário

Realizou-se ontem, pelas 21 horas, no salão da Construção Civil, uma sessão solene comemorativa do aniversário do Sindicato dos Impressores Tipográficos.

Presidiu a sessão o Sr. Alexandre Ramos e Augusto de Sousa. Depois de lido o expediente que constava de saudações dos Compositores Tipográficos, Litógrafos e anexos, Federação do Livro e do Jornal, U. S. O., e Associação do Pessoal da Imprensa Nacional.

Isaram da palavra Rozeno José Viana pela U. S. O., e António Costa pela direcção que se referiram ao significado da sessão.

O dr. sr. Carneiro de Moura analisou a situação do operário alemão em 1870. Referiu-se depois ao ensino profissional na Alemanha onde os operários cursam extensas escolas profissionais e técnicas.

Analisou a sociedade portuguesa contendo o poder do operário não pode continuar a ser nela o eterno cabeça de turco, devendo conquistar a situação a que tem incontestável direito. É o comércio que dita leis ao país quando era a classe trabalhadora que o devia fazer.

O futuro não pertence aos que possuem automóveis que sapicam de lama os que andam a pé, mas sim aqueles que os fabricam.

Terminou num brilhante repito, incitando os operários a abandonarem as tabernas e a ingressarem nos seus sindicatos a trabalhar por uma sociedade melhor que só pode nascer da sua energia, da sua solidariedade e da sua consciência.

Falou ainda Gonçalves Correia que pronunciou um interessante discurso de propaganda libertária.

O Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste comemora no próximo domingo o seu 10.º aniversário

O Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, uma das mais honrosas organizações sindicais comemorou no próximo domingo e na sua sede o 10.º aniversário da sua fundação, com uma sessão solene, às 12 horas, e uma recita pelos estudantes alunos do professor Araújo Pereira, às 21,30 horas.

Haverá uma carreira especial entre o Barreiro e Lisboa, pelas 1,30 horas do dia seguinte, para o regresso dos delegados do Sul.

O 1.º aniversário do Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa

Para comemorar o 1.º aniversário do Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa — o mais novo organismo marítimo — resolveu a sua direcção, solenizando o acto, realizar uma sessão solene no dia 30 do corrente, onde falarão vários oradores, sendo também inaugurada a bandeira sindical.

ATENÇÃO

Uma dedicada camaráda, professora racionalista, que por largo tempo exerceu o ensino oficial, deseja encontrar colocação em escola de sindicato em Lisboa ou arredores. — Resposta a este jornal.

NOVAS PUBLICAÇÕES À VENDA NA ADMINISTRAÇÃO DE "A BATALHA"

- Anarquia e a Igreja, por Eli-seu Reclus, com uma gravura e biografia do autor. 1400
- Folhas Perdidas, por Augusto de Sousa (sonetos, quadras e fados). 10800
- Amor e a Vida, por Campos Lima (contos). 5800

O SINDICALISMO EM MARCHA

A caminho de uma nova Federação

"A Batalha" ouve um militante dos manipuladores de pão em Coimbra

COIMBRA, 18. — O camarada Manuel de Almeida conversava com outros da indústria a que pertence: a dos manipuladores de pão.

Acercamo-nos e, à queima-roupa, desfilamos-lhe esta pergunta:

— E então, camarada Almeida, o que pensa o vosso sindicato sobre a futura confederação de militantes da indústria e sobre a Federação?

Manuel de Almeida, sorridente, diz-nos: — Já o tinha procurado, a si, para conversarmos sobre o assunto, como você pertence ao Comité de Propaganda Confederal.

— Mas...

— Era simplesmente para trocarmos impressões, e se via possibilidade em que a confederação se realizasse em Coimbra. Isto aqui está fraco de organização...

— Sim, é verdade, concluiu. Depois, era mais um pouco de propaganda.

— Olhe, sobre esse assunto é que estamos conversando. Vamos convocar a classe, dar um pouco mais de vida ao sindicato, dar a adesão à C. G. T., enfim, ver se se faz alguma coisa.

— É preciso!

— Sobre o assunto penso o seguinte: Discredo que a Federação venha a ser apenas composta por sindicatos dos manipuladores de pão. Os que trabalham em massas e bolachas e os confeitários devem também fazer parte. Estas classes são muito afins.

Qualquer manipulador de pão substitui com facilidade um bolacheiro, assim como qualquer destes pode ocupar o lugar de manipulador de pão.

— Compreendemos, ajuntamos nós. Desde que estes não tenham um sindicato forte e uma consciência de solidariedade grande...

— Podem prejudicar um movimento nosso. Mas... não é isso de que tratamos. É a afinidade dos trabalhos. Devem todos estar juntos. Depois a Federação será mais e muito mais forte!

— E quanto à confederação? — perguntamos nós, voltando propriamente ao ponto que nos interessava.

— Aqui em Coimbra, calhava bem, disse o camarada Almeida. Está ao centro do país. Nem do Sul iam para o Norte. O sacrifício seria para todos.

— ... menos para os de Coimbra!

— Pois sim. Mas tenhamos em atenção a falta de propaganda aqui, e ainda que o meu sindicato não pode, como qualquer dos do Norte ou Sul, fazer-se representar com facilidade.

— ... a situação financeira, atalhamos.

— Não, não é bem isso. Não temos militantes. Se fosse só a situação financeira, pode estar certo que o sindicato de Coimbra não deixava de dar a sua adesão.

— Estão então dispostos a trabalhar?

— Sim, é verdade. A nossa classe é uma das que tem pior situação. É preciso defendê-la! Devemos também fazer alguma coisa em prol não só de nós próprios como de todos os camaradas e da própria transformação da sociedade.

— E vocês muito têm a fazer!

— E, a propósito, ajuntou o camarada Almeida: bom seria que o Comité de que faz parte se interessasse por nós.

— Você, camarada Almeida, há de dar licença, mas as suas palavras sobre a confederação dos manipuladores de pão, têm de vir em "A Batalha". Isso vai despertar interesse aos outros camaradas da indústria.

— Pois sim! É para interesse da organização.

E ficámos a conversar sobre uma sessão de propaganda sindical a realizar breve pelo Comité de Propaganda Confederal, aos operários manipuladores de pão de Coimbra. — C.

A situação do inventor do método para cortes de fatos

Recebemos da Associação dos Operários Alfaiates um artigo que aquele organismo enviou ao "Diário de Lisboa" em resposta a um seu de 4 do corrente. "A vida que tem passado o inventor do método para cortes de fatos", artigo que aquele jornal se negou a publicar.

— Ali se reconhece ter sido o sr. Maia — o inventor do método referido — durante sete anos professor da aula de corte da Associação, onde sempre foi muito considerado. Porém, razão de defesa profissional motivaram o encerramento da aula durante três anos.

Como as suas características não lhe permitiram o estabelecimento de qualquer pensão a Associação ao dispensar os seus serviços não lhe estabeleceu.

Acrescenta, ainda, terem existido outros métodos antes da sua entrada para a aula, com resultados apreciáveis.

A responsabilidade do uso do seu método, declara aquela Associação — pertence ao actual professor, que nisso encontrou vantagens, o que honra sobremaneira o próprio sr. Maia.

SOLIDARIEDADE

Sanatório dos Empregados no Comércio

Ao apêlo feito pela comissão central do Sanatório para empregados no comércio tuberculosos, têm respondido diversos sindicatos, registando-se o valioso donativo de 1.792\$50, enviado pelo Sindicato dos Empregados no Comércio de Évora, produto de uma festa há tempos ali realizada.

Encontram-se já constituídas a pedido desta comissão, sub-comissões no Porto e Algarve, sendo constituída a primeira por José Lopes Pires Júnior, Inácio Vaz da Cruz e António Manuel Pires, e a segunda por Ricardo Lino Correia, Domingos dos Santos Rita e José da Encarnação Guinote, os quais vão iniciar uma activa propaganda a favor desta obra.

Respigando...

A tarefa insurreccional não cabe de modo algum ao organismo sindical. Nem esse órgão está talhado para tal função, que exige um instrumento pronto, flexível, desembaraçado.

A própria greve geral, em situações revolucionárias, quando se apresenta a hora, não definitiva, mas decisiva, quando a atmosfera social está carregada de electricidade e as vontades se afirmam no sentido duma transformação radical, a própria greve geral surge, estende-se, propaga-se por assim dizer espontaneamente, forçando a mão aos burocratas sindicais reformistas, arrastando os militantes tímidos ou hesitantes, impelindo os próprios revolucionários.

O sindicato entra em acção em se tratando de tomar conta da fábrica e de reorganizar a produção e a vida social. E quando dizemos o sindicato, não excluimos nenhuma das modalidades que possa tomar a organização dos produtores, para se adaptar à sua função expropriadora e reorganizadora. Não excluimos, por exemplo, os conselhos de fábrica e de camponeses, desde que conservem o seu carácter técnico, operário, económico, e coordenem a acção do sindicato e na união local. Constituídos no próprio lugar de produção, conhecedores do terreno e intimamente ligados às pessoas e às coisas que nele operam, os conselhos podem tornar-se preciosos instrumentos técnicos, dando à acção sindical ao mesmo tempo maior amplitude e intensidade, maior elasticidade também. Mas desfechos conselhos nos ocuparemos adiante em capítulo especial.

Se a revolução tomar desde a primeira hora carácter expropriador, se a ocupação das fábricas e terras preceder a luta armada, armando-se mesmo os ocupantes para defender o seu direito, tanto melhor. A ocupação das fábricas não exclui a insurrecção, mas dá a esta uma firme base económica e imensas facilidades de acção. Além disso, as massas pesadas e desarmadas não obstruem as ruas, nem são expostas indolentemente à sanha canibalesca dos mercenários bem armados.

Nos momentos de luta, as multidões inertes só servem, ao mais das vezes, para arrastar consigo os homens de acção, na onda desvaída do pânico. Na fábrica, trabalhando para a revolução, generalizam o movimento, dispersam as forças inimigas; na rua, são mais um estorvo do que um auxílio aos combatentes, insurrectos civis e militares, que tratam de ajustar contas com os janizaros e a guarda branca da burguesia e de impedir o restabelecimento da infame exploração capitalista.

De um modo geral: a massa dos produtores, no lugar de produção, trabalhando por conta de todos; os beligerantes, na rua, decidindo pelas armas a sorte da revolução; os incapazes de trabalhar ou de combater, em casa.

NENO VASCO.

Edições SPARTACUS

ACABA DE APARECER:

O Amor e a Vida

Contos por CAMPOS LIMA

Preço, 5800

A venda na administração de "A Batalha". Descontos aos revendedores.

Secção telegráfica

Federações

FEDERAÇÃO MOBILIÁRIA

S. U. de Braga — Segue expediente.

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEPHONE

2554

C

Queixas e reclamações

Um encarregado exemplar

O operário carpinteiro António Lima, encontrava-se a trabalhar na rua Morais Soares, na obra do sr. Manuel Duarte onde é encarregado um tal Santos Marujo.

Na passada segunda-feira, a pretexto de se terem inutilizado uns tijolos, o furioso encarregado agrediu aquele operário e despediu-o, acusando-o de se ser ele o seu causador.

E lá ficou todo «glorioso» o Marujo, enquanto a vítima se limitou a apresentar-nos a queixa...

BAIXA CONTINUA DO CAMBIO

Liquidação permanente de mostruários de artigos alemães, entre os quais grandes novidades e lindos objectos para brindes. Visita esta casa. Fechada das 12 às 13 h.

ROCIO, 93, 3.º, Dt.º

(PORTA 68)

PROPAGANDA SINDICAL

Os vidreiros de Marinha Grande apoiam o sindicalismo revolucionário

MARINHA GRANDE, 17. — Realizou-se nesta localidade uma importante sessão de propaganda confederal, à qual assistiu a maioria do operariado vidreiro.

O camarada presidente expôs à assembleia os fins daquela reunião, alargando-se em considerações de carácter sindical, e dando em seguida a palavra a J. A. Freitas, que se reportou aos factos que levaram o operariado a considerar o sindicalismo como o mais eficiente meio de luta operária.

Faz uma concisa e apreciação à situação do operariado vidreiro e às formas mais ou menos viáveis para a sua solução.

Em seguida o delegado da C. G. T., o camarada Gonçalves Vidal, principia por analisar a sociedade actual, factor de degenerescência da espécie, pois que a criança em geral recebe as lições práticas da sua péssima organização.

Refere-se em seguida ao industrial como intermediário na troca, e como chefe da riqueza social.

Disserta largamente sobre a C. G. T. explicando o seu objectivo, assim como o de "A Batalha", levantando por último um viva à emancipação dos trabalhadores.

Já depois de se ouvir freneticamente os vivos, Gonçalves Vidal, fazendo novamente uso da palavra pede a todos os camaradas que tragam a todas as pessoas as suas companheiras, filhas, ou uma pessoa conhecida pertencente ao sexo feminino.

A sessão foi encerrada aos vivos à Batalha, C. G. T. e A. I. T. — C.

Conferência Inter-Sindical Gráfica

Reúne hoje a comissão organizadora desta Conferência, em conjunto com membros do secretariado da Federação do Livro e do Jornal, pelas 21 horas, para, impetritivamente, entregar o seu mandato.

INTERESSES DE CLASSE

Os litógrafos e a sua organização

De há um tempo a esta parte que a classe litográfica se vem desinteressando pelos assuntos associativos, desinteressando-se os seus membros moral e materialmente. E' deveras lamentável que tal facto se verifique no momento que a classe atravessa. E' tal facto, é porque no momento que decorre, atravessamos uma das maiores crises de trabalho, que de há muito não temos recordação; e ela não terá solução enquanto a classe não despertar. Mais tarde será difícil conseguirmos resolvê-la, e os nossos inimigos — que de resto são os da organização operária — conseguirão ver satisfeitos os seus fins.

Sabido que os industriais se têm reunido para estudar a melhor forma de nos reduzir ao maior dos servilismos, é urgente que a classe estude a sua situação.

O esforço da comissão administrativa do nosso sindicato não basta; é necessário que correspondamos com o nosso. Há muitos componentes da nossa classe que por um mero personalismo tem deixado de ser sindicalizados, o que representa um crime em todos os tempos, tanto mais neste momento.

Ainda há bem pouco tempo a conferência gráfica aprovou trabalhos de realização imediata e que neste momento não podemos pôr em prática sem colhemos os necessários elementos.

Um desses trabalhos que mereceram alguma atenção refere-se à nossa especialidade — pois que é a nossa aquela que mais indivíduos do sexo feminino emprega — foi o da tese "A mulher e o aprendiz na indústria gráfica". Este trabalho pelos resultados vantajosos que traria para a unificação litográfica, merece ser cuidadosamente analisado, para que num futuro próximo consigamos a sindicalização completa da mulher e do aprendiz.

Com o intuito de contribuir para o engrandecimento da nossa classe é que eu apresento nestas colunas, algumas opiniões e alvites, esperando que o resto dos militantes façam o mesmo, para conseguirmos a unificação da família litográfica e o seu melhor bem estar.

JANET TIAGO

Operário litógrafo sindicalizado

CAMINHO DE FERRO DO ESTADO

DIRECCÃO DO SUL E SUESTE

Serviço dos Armazens Gerais

Concurso para a adjudicação da compra de petróleo

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 29 do corrente mês de Novembro pelas 15 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mateus n.º 65, em Coimbra, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 20.000 litros de petróleo.

Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das feiras das Armazens Gerais, Calçada do Cordeiro Velho, 17, 1.ª Lisboa e na Direcção do Mito e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para pagar 5 % da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará a ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O preço indicado deverá efectuar-se na mesma moeda em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço das Armazens Gerais, Calçada do Cordeiro Velho, 17, 1.ª Lisboa e na Direcção do Mito e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 6 de Novembro de 1914. — Pelo engenheiro chefe do serviço das Armazens Gerais, João José dos Santos.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

U. S. O.

Conselho de Delegados e Direcções dos Sindicatos de Lisboa

São convidados a reunir amanhã, pelas 20 horas, os delegados dos sindicatos aderentes bem como as direcções de todos os sindicatos, para apreciar a crise actual, convindo que os representantes das direcções venham munidos das respectivas credenciais.

Manipuladores de Farinhas, Massas e Bolachas de Lisboa

A classe reúne amanhã, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, para apreciar a crise de trabalho e as alterações realizadas pela comissão de melhoramentos junto dos industriais, bem como a redução de dias de trabalho a alguns operários.

Na indústria da construção civil

O Conselho Federal da Federação da Construção Civil, ocupando-se da crise de trabalho, resolveu apreciar, numa reunião, especialmente convocada, detalhadamente, a crise de trabalho que a indústria atravessa.

Federação Nacional da Construção Civil

Para se ocupar de trabalhos realizados e a realizar, respeitantes à crise de trabalho existente na indústria, reúne hoje, pelas 20 horas, especialmente para tratar deste assunto, o Conselho Federal, lembrando-se a comparência de todos os delegados.

Os metalúrgicos de Lisboa

A crise de trabalho na indústria metalúrgica assumiu proporções tão graves que levou a respectiva organização de classe a tomar medidas, que preservem o operariado da indústria dum mal estar maior.

A comissão de melhoramentos vem estudando o assunto, resolvendo agitar a questão de forma a interessar nela todo o operariado. Nesse sentido acaba de dirigir à classe um manifesto, de que extrairmos os seguintes períodos:

"Mas, mais grato nosso perante a indiferença das massas e especialmente dos operários metalúrgicos os detentores da metalurgia têm-se apoderado de toda a utilidade do género em detrimento da legião de escravos do trabalho, que indolente vegeta sem se preocupar com a sua deplorável condição de salariedade perante a actividade humana, bem como da penosa situação económica que atravessa, imprópria do século de luz e progresso.

"A indústria sem protecção do Estado, sem alento dos potentados da mesma que têm por título Associação Industrial Portuguesa cuja acção se limita a permitir o encerramento de fábricas como a Empresa Industrial Portuguesa, antiga Fábrica Burnay e a Metalúrgica do Lumiar e tantas outras de importância; e no entanto reparações de certa importância são feitas no estrangeiro; como as locomotivas do Sul e Sueste e encomendas de maquinaria vária para iluminação eléctrica, moagem, transportes, máquinas, ferramentas para estabelecimentos fabris do Estado e particulares!

Todavia o país tem condições para a produção necessária para seu consumo! Temos ferro, cobre, carvão e outras matérias primas que vão para o estrangeiro — para depois de acondicionadas serem importadas pelo preço que as casas fornecedoras exigem. — Será isto lógico? Senhores da política e forças vivas da nação!

Mas, para que o trabalho da comissão de melhoramentos seja profícuo, espera ela, que todos os metalúrgicos desempregados se inscrevam no respectivo boletim do Sindicato, acompanhando também a sua acção.

Hoje devem comparecer na sede, pelas 20,30 horas, os delegados de fábricas e oficinas a fim de lhes serem entregues os manifestos, que deverão ser distribuídos à classe.

Os operários electricistas

A Secção Profissional dos Electricistas, por intermédio da sua Comissão de Defesa, ocupou-se da crise de trabalho nesta especialidade da indústria metalúrgica, resolvendo officiar à Divisão das Indústrias Eléctricas e Associação de Armadores de Navios solicitando-lhes uma entrevista, para se estudar a forma de debelar a actual crise.

A referida comissão vai editar um manifesto convocando a classe a reunir em assembleia magna.

O operariado de Parede toma resoluções importantes

PAREDE, 17. — Com regular concorrência e estando presentes os delegados da C. G. T., F. C. Civil, Juventude Sindicalista e outros organismos, efectuou-se na sede do Sindicato da Construção Civil, desta localidade, uma sessão de protesto contra a crise de trabalho e baixa de salários.

Fizeram uso da palavra Silva Campos, pela C. G. T., Carlos Coelho, Alfredo Lopes e Carlos Ribeiro, pela F. C. Civil, João Gomes, pela Federação da Juventude Sindicalista, e Artur M. Sabido, do sindicato de Tires, que fizeram sentir a grande necessidade de todo o operariado se unir fortemente a dentro dos sindicatos, a fim de dar combate à burguesia e resistir às arremetidas de todos os inimigos da organização operária.

Os delegados da F. C. Civil lembraram a conveniência de se abrir uma inscrição para os operários sem trabalho e, depois de algumas considerações sobre a gravidade do momento, deram conta dos trabalhos que aquele organismo levou à prática para conseguir colocar os componentes da indústria a braços com falta de trabalho.

A sessão terminou com grande entusiasmo, erguendo-se vivas à C. G. T., a Batalha, etc., etc. — C.

COSTUREIRA

Faz, volta fatos, sobretudo, etc. Perla.

Preços de camarada.

Rua 4 de Infantaria, 17, cave.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reuniu ontem o Conselho Federal, tendo apreciado os seguintes officios: do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, Pessoal dos Tabacos e Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, solicitando a representação da Federação em sessões comemorativas dos seus aniversários, sendo para tal nomeados delegados. Apreciado um officio do Sindicato de Guimarães, sendo resolvido chamar a atenção da C. G. T. e C. Jurídico para o assunto de que o mesmo trata. Apreciado um officio do sindicato de Matosinhos que trata de assunto que se prende com a obra do Porto de Leixões, tendo resolvido tratar do assunto em harmonia com o desejo manifestado por aquele sindicato.

Apreciado um officio do sindicato de Lagos, resolvendo continuar tratando junto do director da Alfândega do assunto de que o officio trata.

Foram apreciados vários officios enviados pelos delegados, que em missão de propaganda andam percorrendo o Alentejo, expondo os resultados obtidos no desempenho da sua missão. Foi discutido, tendo sido aprovado, o Complemento do Regulamento Geral dos Sindicatos e suas Secções, a missão dos delegados por arruamentos, comissões sindicais por freguesias e sua constituição.

Sindicato dos Chauffeurs Marítimos. — Reuniu ontem a assembleia deste sindicato que resolveu, além doutros assuntos de interesse para a classe, nomear uma comissão de Estudo e Melhoramentos, sendo eleitos: Guido Claudio Buratt, José de Sousa Duarte, António Diogo, Celestino Mota Miranda e Abílio Costa Júnior para tratar dos interesses da classe.

Foram nomeados delegados à Federação Marítima: José Sousa Duarte e António Diogo.

União dos Jardineiros. — Reuniu em assembleia geral para a apreciação dos estatutos do Sindicato Unico dos Operários do Município, que foram aprovadas por unanimidade, sendo deliberado dar a adesão em princípio à constituição do novo organismo.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE

Federação Marítima. — As comissões: Orgânica e Administrativa; Executiva e de Relações Internacionais; Estatísticas, Instrução e Educação, pelas 20 horas, para apreciar os trabalhos que deverão ser apresentados ao conselho federal.

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne hoje às